

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

JÚLIA RICARDO

/R/ RETROFLEXO EM CODA NO PORTUGUÊS DA REGIÃO METROPOLITANA DE
PORTO ALEGRE: ESTUDOS DE CASO

PORTO ALEGRE

2019

JÚLIA RICARDO

/R/ retroflexo em coda no português da Região Metropolitana de Porto Alegre: estudos de caso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau como licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt

PORTO ALEGRE

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela formação gratuita e de qualidade que me proporcionou.

Ao meu orientador, professor Luiz Carlos Schwindt, que desde 2016 me orienta de forma atenta e paciente. Obrigada por me apresentar esse mundo encantador da Linguística e por permitir que eu possa percorrê-lo sob tua orientação.

À minha mãe, Kátia, e ao meu pai, Claudio, por todo o amor, apoio, compreensão e orientação nesses 22 anos. Eu devo tudo o que sou a vocês.

À Joanne, que esteve sempre ao meu lado durante todo o percurso. Também à Ivana, que foi amiga, parceira, conselheira e porto seguro. Agradeço ainda ao Lucas, à Mariana, ao João, à Alice, à Carol, à Thielle e ao Igor, que me fazem acreditar na força da palavra amizade. Vocês foram muito importantes em cada passo desse duro caminho.

Aos colegas de pesquisa Isabela, Beatriz, Pedro, Camila De Bona, Camila Ulrich, Rossana, Raquel, Débora e todos os outros que me auxiliaram durante todo o meu percurso acadêmico, com paciência e sabedoria. Aprendo cada dia mais com cada um de vocês.

Ao Grupo Círculo Linguístico da UFRGS agradeço por me oportunizar o contato com os mais diversos assuntos da área da Linguística e por me permitir conhecer e interagir com diferentes pessoas. Esse grupo foi, e ainda é, parte fundamental de minha formação como aluna e como pesquisadora.

À Larissa, por ter me dado conselhos e um ombro amigo quando eu mais precisava.

Às companheiras de time do projeto de Futsal Feminino da UFRGS, agradeço por darem novo significado às palavras *companheirismo*, *superação* e *apoio*. Estar ao lado de vocês me dá forças todos os dias para seguir.

À minha prima Thainá, por toda a ajuda com ideias e dicas. Além disso, agradeço as conversas e desabafos. Contigo, tenho a certeza de que a educação sempre será o caminho.

Ao Felipe, pela leitura cuidadosa que fez ao me auxiliar na revisão deste trabalho.

Ao Professor Ubiratã, por atenciosamente ter me ajudado com dúvidas referentes à área de fonética acústica.

Agradeço também ao CNPq, à CAPES e à FAPERGS pela contribuição financeira ao longo da minha formação acadêmica, pois sem esse auxílio, tudo teria sido mais difícil. Obrigada

por incentivarem a pesquisa em todo o Brasil, principalmente em tempos em que o conhecimento não é valorizado.

Agradeço, ainda, à Doutoranda Camila Ulrich e a Professora Valéria Monaretto pela leitura tão cuidadosa que fizeram deste trabalho. Foi um prazer poder ouvir as considerações de duas pessoas que admiro tanto e que foram tão importantes para a minha trajetória.

Às demais pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, meus sinceros agradecimentos. Vocês foram fundamentais durante todo o percurso.

RESUMO

Com o presente trabalho de conclusão de curso tenciona-se oferecer uma contribuição ao debate sobre o comportamento de róticos retroflexos em posição de coda silábica no português brasileiro, aqui, de modo particular, na variedade falada na Região Metropolitana de Porto Alegre. Os róticos, por constituírem uma classe de sons, têm por característica a possibilidade de variação alofônica em seus fonemas, sendo possível identificar, no português, diversas possibilidades de realização desses sons em diferentes comunidades linguísticas, principalmente quando se encontram em posição de coda. A realização retroflexa é uma dessas possibilidades, sendo encontrada em diferentes localidades do país. Neste trabalho objetiva-se: (i) realizar uma revisão de literatura sobre a classe de róticos de modo amplo, e especificamente no português brasileiro, com foco no rótico retroflexo, e (ii) realizar um estudo de caso sobre o retroflexo no falar de sujeitos residentes na Região Metropolitana de Porto Alegre, dando início a um projeto que visa a descrever a variante nesse recorte geográfico. Acreditamos que esse som possa estar se expandindo no estado do Rio Grande do Sul e que apresente comportamento semelhante a outras variedades do português brasileiro. Para isso realizou-se a gravação de duas entrevistas com informantes residentes da comunidade foco do estudo, falantes, por observação de oitiva prévia, da variante retroflexa. Os dados foram então codificados e analisados de acordo com as seguintes variáveis linguísticas: *variante de /R/ pronunciada, classe gramatical, vogal no núcleo, contexto seguinte, tonicidade da sílaba de /R/, posição da sílaba de /R/ e item lexical*. Os resultados apontaram para uma forte presença de retroflexo na coda do Informante A (27,2%) e uma presença mais moderada, mas ainda forte, na fala do Informante B (15,2%), se comparadas à porcentagem de 5% encontrada nos resultados de Monaretto (2002). A posição de coda medial, sílaba tônica e consoante alveolar como contexto seguinte ao /R/ se mostraram como os contextos em que a variante retroflexa mais ocorreu na fala desses dois informantes. Os resultados obtidos nos auxiliaram no redimensionamento de nossas hipóteses de trabalho, na medida em que, de um lado, apontaram para possíveis condicionadores fonológicos para a realização de /R/ retroflexo, como relata a literatura, mas também nos mostraram uma possível influência do item lexical como influenciador desse processo.

Palavras-chave: /R/ retroflexo, Região Metropolitana de Porto Alegre, Variação, Róticos.

ABSTRACT

With the following undergraduate thesis it is intended to offer a contribution to the debate on the behaviour of retroflex rhotics in coda position in Brazilian Portuguese, here, specifically, in the variety spoken in the Metropolitan Area of Porto Alegre. Because the /R/ sounds constitute a class of sounds, they have as its characteristic the possibility of allophonic variation in its phonemes, making it possible to find, in Portuguese, many possibilities of pronunciation of these sounds in different linguistic communities, especially when they are in the coda position. Retroflex pronunciation is one of these possibilities, and it is found in several different parts of the country. The aim of this work is to: (i) do a literature review about the rhotics class in a broad way, and specifically in Brazilian Portuguese, with a focus on the retroflex rhotic, and (ii) do a case study on the retroflex in the speech of subjects that reside in the Metropolitan Area of Porto Alegre, initiating a project that aims at describing this variant in this geographical scope. We believe that this sound may be expanding in the state of Rio Grande do Sul and that it may have a similar behaviour to other variants of Brazilian Portuguese. Two interviews were conducted with informants that live in the study's focal community, who, as noticed in a previous hearing, are users of the retroflex variant. The data was then encoded and analysed considering the following linguistic variables: *pronounced /R/, grammatical class, nucleus's vowel, following context, syllable's tonicity, syllable's position* and *lexical item*. The results pointed to a strong presence of the retroflex in the coda of Informant A (27,2%) and a more moderate but still strong presence in the speech of Informant B (15,2%), compared to the results found in MONARETTO (2002), of 5% of retroflex. The contexts that favoured the pronunciation of this variant the most in both informants were the medial coda position, accented syllable and alveolar consonant as the next context to the /R/. The obtained results help us on the resizing of our work hypotheses, in the sense that, on the one hand, they pointed to possible phonological conditioners to the pronunciation of retroflex /R/, as literature reports, and, on the other, also show us a possible influence of the lexical item as an influencer of this process.

Keywords: Retroflex /R/, Metropolitan Area of Porto Alegre, Variation, Rhotics.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REVISÃO TEÓRICA	14
2.1 A CLASSE DE RÓTICOS.....	14
2.2 O INVENTÁRIO DE /R/ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	19
2.2.1 VIBRANTE ALVEOLAR [r]	20
2.2.3 FRICATIVA VELAR [x].....	22
2.2.4 FRICATIVA GLOTAL [h]	22
2.2.5 O /R/ RETROFLEXO.....	23
2.2.5.1 STATUS ESTILÍSTICO E DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA.....	27
2.2.5.2 A ORIGEM DO /R/ RETROFLEXO	31
2.3 A POSTERIORIZAÇÃO DE /R/	34
3 ESTUDO DE CASO	38
3.1 PERGUNTAS NORTEADORAS E HIPÓTESES.....	38
3.2 COMUNIDADE ESCOLHIDA	39
3.3 METODOLOGIA.....	41
3.2.1 COLETA DE DADOS.....	41
3.2.2 CODIFICAÇÃO DA AMOSTRA.....	42
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	44
4.1 ANÁLISE ESTATÍSTICA.....	44
4.1.1. INFORMANTE A	44
4.1.2 INFORMANTE B.....	49
4.2 ANÁLISE ACÚSTICA.....	53
4.3. RETOMANDO PERGUNTAS NORTEADORAS E HIPÓTESES	55

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
APÊNDICE A – ROTEIRO ELABORADO PARA A CONDUÇÃO DAS ENTREVISTAS	65
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ASSINADO PELOS INFORMANTES DESSE ESTUDOS DE CASO	64

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Articulação do som vibrante alveolar	20
Figura 2 - Articulação do som tepe alveolar	21
Figura 3 - Articulação do som fricativo velar	22
Figura 4 - Articulação do som fricativo glotal	22
Figura 5 - Articulação do som aproximante retroflexo	24
Figura 6 - Articulação do som tepe retroflexo.....	24
Figura 7 - Forma de onda e espectrograma da aproximante retroflexa na sequência a[ɻ]a.....	25
Figura 8 - Forma de onda e espectrograma do tepe retroflexo na sequência po[tɻ]ta.....	26
Figura 9 - Estados que apresentam realização de /R/ retroflexo	29
Figura 10 - Porcentagem de realização das variantes de /R/ pelo informante A.....	44
Figura 11 - Porcentagem de realização das variantes de /R/ pelo informante B.....	49
Figura 12 - Forma de onda do /R/ presente na palavra "familiar"	54
Figura 13 - Forma de onda da aproximante retroflexa na sequência "redor".....	54

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Exemplos de fones pertencentes ao grupo dos róticos.	14
Quadro 2 - Fones pertencentes ao grupo dos róticos no português brasileiro.....	19

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Realizações de /R/ do Informante A, separando a coda final de verbos no infinitivo	45
Tabela 2 - Realizações de /R/ do Informante A, excluindo os dados de coda final de verbos no infinitivo.....	46
Tabela 3 - Realização de /R/ retroflexo em não verbos pelo Informante A <i>versus</i> tonicidade da sílaba de /R/	47
Tabela 4 - Realização de /R/ retroflexo em não verbos pelo Informante A <i>versus</i> contexto seguinte	47
Tabela 5 - Realização de /R/ retroflexo em não verbos pelo Informante A <i>versus</i> vogal do núcleo	48
Tabela 6 - Realização de /R/ retroflexo em não verbos pelo Informante A <i>versus</i> posição da sílaba de /R/.....	48
Tabela 7 - Realizações de /R/ do Informante B, separando a coda final de verbos no infinitivo .	50
Tabela 8 - Realizações de /R/ do Informante A, excluindo os dados de coda final de verbos no infinitivo	50
Tabela 9 - Realização de /R/ retroflexo em não verbos pelo Informante B <i>versus</i> tonicidade da sílaba	51
Tabela 10 - Realização de /R/ retroflexo em não verbos pelo Informante B <i>versus</i> contexto seguinte	52
Tabela 11 - Realização de /R/ retroflexo em não verbos pelo Informante B <i>versus</i> vogal do núcleo.....	52
Tabela 12 - Realização de /R/ retroflexo em não verbos pelo Informante B <i>versus</i> posição da sílaba de /R/	53

1 INTRODUÇÃO

Os róticos formam uma classe de sons nas línguas do mundo que tem, entre outras características, a forte variação alofônica entre seus sons a partir de uma sistematicidade fonêmica. O português brasileiro (PB) se apresenta como uma das 75% das línguas do mundo que apresenta sons de /R/¹ em seu sistema fonético-fonológico, sendo possível verificar essa grande variedade em diferentes comunidades linguísticas, com pronúncias da mais diversas: vibrante, tepe, aproximante, fricativa, glotal, entre outras. Embora possamos encontrar variação em diferentes posições da sílaba (ex: ca[x]apato ~ [h]io ~ t[r]ave ~ calo[ɹ]), é em posição de coda que parece haver a maior possibilidade de variação, sendo possível encontrar, para um mesmo /R/ em coda, pelo menos 6 diferentes pronúncias: mulhe[r] ~ mulhe[ɹ] ~ mulhe[ɻ] ~ mulhe[ɻ] ~ mulhe[x] ~ mulhe[h] ~ mulhe[Ø]. Essa variação, em geral, apresenta uma distribuição própria em cada dialeto, conforme descrevem diversos estudos sociolinguísticos que tratam do comportamento de róticos no PB.

Róticos apresentam uma tendência universal de enfraquecimento de suas variantes, sendo possível se verificar, em diferentes línguas do mundo, o fenômeno de passagem de uma variante anterior para uma variante posterior. Autores (RENNICKE, 2011; HEAD, 1987, VELOSO, 2015, entre outros) afirmam que o enfraquecimento pode ser visto em duas perspectivas: pelo caminho da velarização ou pelo caminho de retroflexão, ambos como efeito de posteriorização do /R/. De acordo com esses estudos, o caminho que cada comunidade de fala vai seguir depende da natureza da variante padrão que se encontra na coda daquele falar. Desse modo, variantes que poderiam ser encontradas em um dialeto não serão encontradas em outro, dadas as características fonéticas dos /R/'s pronunciados naquele dialeto.

O som retroflexo apresenta-se como uma das realizações de /R/ possíveis de serem encontradas em certas variedades do português brasileiro. Embora sendo, geralmente, fortemente associado a um falar específico (o dialeto caipira), essa variante já está presente, de maneira

¹ Estamos cientes da controvérsia em torno de qual seria a forma subjacente para os róticos do português – se um único fonema, ou se uma oposição entre dois fonemas, R- forte e R- fraco. Contudo, acreditamos que, para este fim específico, não cabe aprofundar essa discussão. Dessa forma, de modo a evitar a tomada de decisão sobre a forma fonêmica dos róticos, optamos pelo uso da representação /R/, que pode ser interpretada como uma forma subespecificada ou mesmo como um arqui-fonema.

bastante difundida, em estados como São Paulo, Minas Gerais e Paraná, sendo ainda verificada a sua ocorrência, de maneira mais tímida, em outras localidades do Brasil. Sobre essa variante, duas questões parecem ser levantadas mais fortemente pelos estudos que o tomam como foco: i) qual a origem do som retroflexo dentro da variedade do português brasileiro? e ii) de que forma a pronúncia retroflexa se expandiu para outros estados brasileiros a partir de seu ponto de irradiação, São Paulo? Sobre a primeira questão, as primeiras propostas sugeriram uma origem extralinguística para o som, a partir do contato com línguas africanas, indígenas ou mesmo com a variedade norte-americana do inglês. Propostas mais atuais, contudo, tratam de uma possibilidade intralinguística para a origem dessa variante. Alguns estudos sugerem que esse som parece respeitar a tendência geral mencionada acima, visto que a presença do retroflexo é mais forte em dialetos que realizam o tepe alveolar na coda com mais frequência, e sendo, de forma contrária, pouco ou não encontrada em dialetos em que a vibrante velar é o som padrão encontrado na coda.

A partir do exposto acima e tomando como premissa o fato de que essa variante parece estar em constante expansão pelo território brasileiro, pretendemos discutir, nesse estudo, a variante retroflexa no estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente na Região Metropolitana de Porto Alegre. Estudos sociolinguísticos atentaram para uma baixa porcentagem de realização de /R/ retroflexo em Porto Alegre (5%). Sabe-se que no Rio Grande do Sul processos de posteriorização atuam de forma mais lenta, devido à interferência de populações oriundas de colonização alemã, italiana e à situação de fronteira com países de fala espanhola (MONARETTO, 2002). Contudo, ainda assim, foram registradas, nessa variedade, mudanças nas classes dos róticos como, por exemplo, a passagem da vibrante alveolar para a vibrante velar em posição de ataque silábico (MONARETTO, 1992).

Assim, partimos do pressuposto de que essa variante retroflexa possa estar adentrando o estado, o que pode ter aumentado a sua porcentagem de ocorrência, como sugere nossa intuição sobre o fenômeno. Se essa hipótese for verdadeira, podemos estar frente a um processo de variação no falar da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA). Neste trabalho relatamos um estudo com dois informantes que realizam o /R/ retroflexo e residem na RMPA, de modo a investigar o comportamento do rótico em uso por esses falantes, uma descrição que permitirá definir as bases para uma nova pesquisa projetada para futuro próximo.

O trabalho se organiza como segue. Na seção 2, fazemos uma revisão de literatura acerca da classe de róticos e das discussões que circundam esses sons, além de olhar de forma mais específica para o som retroflexo e sua distribuição dentro do PB. Na seção 3, apresentamos a metodologia empregada em nosso estudo. A seção 4 é dedicada para a discussão dos resultados. Por fim, na seção 5, recuperamos o percurso do trabalho, fazendo um balanço de seus alcances e de suas fragilidades e apontando para perspectivas futuras.

2 REVISÃO TEÓRICA

Apresentamos, nessa seção, conceitos e discussões que consideramos fundamentais para o entendimento do funcionamento dos sons róticos, não só na variedade foco do estudo, mas também em outras variedades do PB, com considerações sobre seu funcionamento nas línguas em geral, como será explicitado a seguir.

2.1 A CLASSE DE RÓTICOS

A grande maioria das línguas do mundo apresenta, em seu sistema fonético-fonológico, sons de /R/. De acordo com Ladefoged & Maddieson (1996), em torno de 75% das línguas apresentam algum som pertencente a essa classe, e, dessas, 19% tem contraste fonológico entre dois ou mais /R/s. Esse grupo forma uma classe dentro dos sons consonantais, os chamados róticos, que são identificados por serem fones que correspondem a alguma variação da letra “r” do alfabeto romano ou a sua contraparte grega “rho” (LINDAU, 1985; LADEFOGED & MADDIESON, 1996). Partindo dessa definição, fazem parte desse subconjunto sons vibrantes, tepes, fricativos, aproximantes e tepes laterais.

Quadro 1 – Exemplos de fones pertencentes ao grupo dos róticos

	Alveolar	Retroflexo	Uvular
Vibrante	r		R
Tepe	ɾ	ɽ	
Fricativa			ʀ
Aproximante	ɹ	ɻ	
Tepe Lateral	ɭ		

Fonte: Ladefoged & Maddieson (1996)

Contudo, o status dos róticos como uma classe natural, assim como são definidas as classes de sons nasais ou laterais, não é um consenso dentro dos estudos fonéticos e fonológicos. Como mencionado acima, os sons de /R/ são comumente vistos como um grupo por sua

semelhança ortográfica, ou seja, por uma convenção de escrita, o que torna a definição de róticos incompleta e arbitrária, contrariando a definição de classes naturais proposta pela teoria gerativa.

De acordo com a teoria postulada por Chomsky e Halle, em *The Sound Pattern of English* (1968), classes naturais são constituídas por conjuntos de segmentos relacionados entre si. Assim, dois ou mais sons constituem uma classe natural quando, para especificar esse conjunto, é necessário um número menor de traços distintivos do que seria necessário para especificar cada membro da classe isoladamente. Se tomarmos essa definição como parâmetro para a definição de róticos como classe natural, somos colocados frente a um problema, pois, como pode ser observado no quadro acima, essa classe é composta por sons das mais variadas formas de articulação, tornando difícil o estabelecimento de uma relação entre seus elementos. Mesmo se considerarmos os traços mais gerais de classe [contínuo], [sonoro] e [consonantal], não é possível encontrar uniformidade para os sons listados no quadro 1, pois tepes são classificados como [-contínuo], enquanto aproximantes e vibrantes são [+contínuo]; as fricativas são [-sonoro], enquanto os outros sons dessa classe apresentam traço [+sonoro]. E, no que concerne ao traço [consonantal], róticos são, de forma geral, [+consonantal], porém apenas esse traço não é suficiente para definir a classe por si só, visto que sua abrangência é muito ampla (WIESE, 2011).

Desse modo, se não é possível definir características comuns aos sons de róticos que funcionem como forma de delimitar os elementos pertencentes a esse grupo, questiona-se: quais são as razões para que essa categoria seja restrita apenas aos pontos de articulação coronal (alveolar e pós alveolar) e dorsal (uvular)? A forma ortográfica semelhante, coincidência extralinguística, é razão forte suficiente para que sons como a vibrante alveolar [r] sejam considerados róticos e sons como a vibrante bilabial [b] não? A conclusão a que chegam alguns autores é de que, dos pontos de vista articulatorio e acústico, não há possibilidade de uma descrição que estabeleça a unidade de todos os róticos como uma classe (LINDAU, 1985; LADEFOGED & MADDIESON, 1996; MAGNUSON, 2007).

Contudo, uma outra forma de se considerar classes naturais é proposta por Hyman (1975 apud BISOL, 2010, p. 30), que estabelece regras para a identificação desses grupos. Essas regras, contudo, se afastam de uma classificação baseada apenas nos traços distintivos dos sons e se aproximam de uma caracterização por semelhança comportamental. De acordo com os critérios

propostos pelo autor, dois ou mais segmentos compõem uma classe natural quando um ou mais dos seguintes critérios são verificados:

- a) os dois segmentos sofrem regras fonológicas juntos;
- b) os dois segmentos funcionam juntos nos ambientes de regras fonológicas;
- c) um segmento é convertido no outro segmento através de uma regra fonológica;
- d) um segmento é derivado no ambiente de outro segmento (como nos casos de assimilação).

Essa nova forma de caracterizar classes naturais – por comportamento fonológico em substituição às características articatórias – é proposta por diversos autores (LINDAU, 1985; LADEFOGED & MADDIESON, 1996; WALSH DICKEY, 1997; WIESE, 2001) como alternativa para o problema da definição de róticos como uma unidade. Ou seja, de acordo com esses autores, os róticos comporiam uma unidade não pelas suas características articatórias, acústicas ou de traços, mas por comportamentos e semelhanças na sua maneira de organização dentro da estrutura da língua. Walsh Dickey (1997) aponta para algumas evidências comportamentais a favor da caracterização dos róticos como uma classe de elementos relacionados entre si:

- e) a influência dos róticos em vogais vizinhas;
- f) a unidade fonotática dos róticos;
- g) seu lugar na estrutura silábica;
- h) a variação alofônica de róticos;
- i) as alternâncias fonêmicas dos róticos.

O item a) diz respeito à estreita relação que os sons róticos têm com vogais, mais do que outras consoantes, como exemplifica Wiese (2011) para o inglês, já que, nessa língua, antes de /R/ apenas um número restrito de fonemas vocálicos é registrado. É devido a essa estreita relação com vogais que, em alguns casos, os sons róticos podem se tornar silábicos ou mesmo sofrer alongamentos — fenômenos tipicamente vocálicos. Em relação ao item b), é possível encontrar, nas línguas do mundo, alguns padrões e restrições de posição silábica que são aplicados aos róticos como classe, e não a sons específicos dentro do grupo. Um exemplo pode ser encontrado na língua australiana malamalak, em que os dois fonemas róticos podem aparecer em qualquer

posição exceto em início de palavra (DICKY, 1997). Essa restrição é aplicada aos fonemas róticos como uma unidade, e não apenas a um fonema específico, que por coincidência pertence à essa classe.

O item c) está ligado à posição que variantes róticas ocupam na estrutura silábica. De forma geral, esses sons tendem a aparecer sempre na posição mais próxima do núcleo silábico, ou seja, da vogal, além de ocuparem posições mais restritas na sílaba. Estão, por exemplo, entre os poucos itens permitidos em codas em algumas línguas, como é o caso do PB, que permite apenas os sons /R/, /s/ e /l/. Além disso, esses sons estão entre os poucos fonemas que podem aparecer como segundo elemento em onsets complexos (ex: c/R/avo). Isso seria consequência da alta sonoridade que esses elementos possuem, o que os caracterizaria como semelhantes às vogais e aos glides (LADEFOGED & MADDIESON, 1996, BONET & MASCARÓ, 1997).

A variabilidade articulatória também é apontada, no item d), como característica dessa classe. Maddieson (1984) aponta que 58% das línguas do mundo apresentam apenas um fonema rótico, enquanto 16% exibem um contraste entre duas formas subjacentes desses sons. Esses fonemas, contudo, possuem uma forte variação fonética, sendo essa variação sempre restrita aos sons considerados como pertencentes à classe dos róticos. O PB, por exemplo, como veremos com mais atenção posteriormente, possui, para um fonema /R/ em posição de coda, pelo menos seis formas fonéticas, que se configuram em variação livre². Outro exemplo, nesse caso de distribuição complementar, pode ser encontrado na língua persa (MAJIDI, 1986, p. 63–64, apud WIESE, 2011), como se vê em (01).

(01) Distribuição dos sons róticos na língua persa.

a. Tepe alveolar [r] em posição intervocálica

Exemplo: /tare/ ta[r]e ‘cebolinha’

b. Fricativa vozeada [ɹ] em onset em início de palavra

Exemplo: /ruz/ [ɹ]uz ‘dia’

² Seguindo nomenclatura do Estruturalismo norte-americano, usamos o termo “variação livre” em contraposição ao termo “distribuição complementar”. Entendemos, contudo, iluminados pelos achados da Sociolinguística, que a escolha por um ou outro fone não se dá de forma desordenada, mas obedece a condicionadores linguísticos e sociais.

c. Vibrantes [r] parcialmente ou completamente desvozeadas adjacentes a consoantes desvozeadas e em final de palavra

Exemplo: /babr/ bab[r] ‘tigre’
 /xCrkan/ xC [r]’kan ‘coleccionador de abrunheiro’

d. Vibrante vozeada [r] nos outros casos

Exemplo: /arzCn/ a[r]’zCn ‘barato’

O que é interessante notar nessa característica de forte variação é que a vibrante alveolar [r] está presente em 47,5% das línguas que possuem sons róticos (MADDIESON, 1984), o que parece apontar para o fato de que esse som é a variante prototípica da classe, estabelecendo o elo entre os outros membros do conjunto.

Sobre o último ponto, as pesquisas de Maddieson apontam que a maioria das línguas do mundo apresenta apenas um /R/ fonêmico. As línguas que possuem um contraste entre dois fonemas (geralmente entre um R- forte e um R- fraco), exibem essa oposição em posições específicas, havendo a neutralização entre esses fonemas em todos os outros contextos. Por esse contraste acontecer em apenas uma posição, muitos autores consideram que essas línguas possuem apenas um /R/ fonêmico, que é geminado em contexto intervocálico (cf. nota 1, p. 11). Embora essa discussão não seja o foco do nosso estudo nesse recorte, o fato de pouquíssimas línguas do mundo apresentarem um contraste entre três ou mais fonemas róticos reforça a tendência de uma uniformidade fonêmica que está sujeita, como explicitado acima, a uma grande variedade fonética.

O que parece haver, embora os membros desse grupo tenham características diferentes, são comportamentos semelhantes. A classe de róticos apresenta uma grande variedade de elementos, que se modificam de língua para língua e tornam impossível a definição da classe por características de segmentos. Esse grupo, contudo, também demonstra um padrão de comportamento que pode ser verificado nas línguas róticas. Com isso, a definição a partir do aparato extralinguístico (ortográfico) faz-se obsoleta, visto que a literatura oferece um embasamento mais robusto que abarca não só fones com símbolos fonéticos que usam a letra “r”

e suas variações, mas fones que, independente da notação do Alfabético Fonético Internacional (IPA), se comportam, na língua em questão, de uma forma que os caracteriza como róticos. O que é interessante frisar é que a classe de róticos não é uma classe uniforme para todas as línguas e deve ser estudada caso a caso, para que se entendam as particularidades daquele sistema fonético-fonológico, como veremos a seguir, olhando com mais atenção para o PB.

2.2 O INVENTÁRIO DE /R/ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O PB está inserido nas 75% das línguas do mundo que apresentam, em seu sistema fonético-fonológico, sons que fazem parte da classe de róticos. Estudos variacionistas (OLIVEIRA, 1983; CALLOU, 1987; CALLOU, MORAES, LEITE, 1996; PIMENTEL, 2003; BRESCANCINI, MONARETTO, 2008; RENNICKE, 2011, entre outros) apontam para a grande variedade fonética que se apresenta nos diferentes dialetos do PB.

Quadro 2 - Fones pertencentes ao grupo dos róticos no português brasileiro

	Alveolar	Retroflexo	Uvular	Velar	Uvular	Glotal
Vibrante	r		R			
Tepe	ɾ	ɽ				
Fricativa			ʁ	x (surda) ɣ (sonora)	X (surda) ʁ (sonora)	h
Aproximante	ɹ	ɻ				

Fonte: RENNICKE (2015)

Como em outras línguas do mundo, os róticos do PB apresentam uma sistematicidade fonêmica expressa em uma grande variabilidade articulatória, sendo que nesta língua encontramos, do ponto de visto fonético, uma grande alternância de sons de /R/ na sua fala. A alternância entre alguns desses fones depende, contudo, da posição que o /R/ fonológico ocupa na sílaba. Em posição de onset inicial, verifica-se, de forma geral, a ocorrência de alguma variante do chamado R-forte: [h]io, [x]oupa e [r]ei. Em contexto de onset medial, encontramos uma

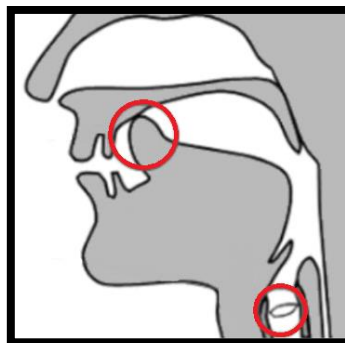
oposição entre dois fones de /R/, normalmente manifestados por sons de R-forte e R-fraco, como nos exemplos ca[r]o e ca[x]o, respectivamente. Já como o segundo membro de um onset complexo, verifica-se de forma quase categórica a realização de um R-fraco, normalmente instanciado por um tepe alveolar (ex: p[r]ova), embora possamos encontrar, em alguns dialetos, uma realização retroflexa (FERRAZ, 2005, MONARETTO, 1997).

É, contudo, na posição de coda que o /R/ apresenta a maior variação, tendo a escolha pela variante, nesse contexto, forte influência do dialeto da comunidade linguística alvo do estudo (CALLOU; MORAES; LEITE, 1996). A variação dos róticos na coda é tão forte e diversificada que é possível identificar, em alguns casos, o estado de origem de um falante apenas pela variante que ele pronuncia nessa posição. A seguir apresentamos alguns dos principais sons de róticos que podemos encontrar na fala de diferentes variedades do PB³:

2.2.1 VIBRANTE ALVEOLAR [r]

Articulatoriamente, a vibrante alveolar é caracterizada pelo contato repetitivo da ponta da língua contra os alvéolos, apresentando vibração das pregas vocais.

Figura 1 - Articulação do som vibrante alveolar



Fonte: adaptado de Wee (2015)

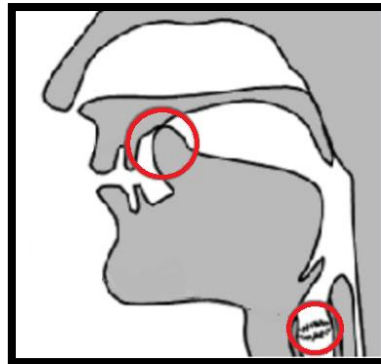
³ Nosso objetivo não é fazer uma revisão exaustiva de todas as variantes de /R/ encontradas no PB, dada a extensa gama de possibilidade de pronúncia da classe. Nossa intenção, com essa seção, é exemplificar a variedade presente na classe de róticos, discutida na seção anterior.

Essa variante pode ser encontrada em posição de onset inicial e medial em palavras como [r]oer ou ca[r]o, nesse segundo caso se configurando como par mínimo de uma pronúncia de R-fraco. Contudo, embora muito presente no PB há algumas décadas, a vibrante vem passando por um processo de desaparecimento em todo o território nacional, dando espaço a uma variante mais posterior, como a fricativa velar, ou o tepe alveolar, como mostra a pesquisa de Monaretto (1992), que apontou para um decréscimo do uso da vibrante anterior (de 21% para 17%) e um aumento da fricativa velar (de 56% para 65%) no estado do Rio Grande do Sul. Contudo, ainda é possível encontrar a ocorrência, embora de forma mais tímida, da vibrante alveolar no sul do país e no estado de São Paulo, principalmente na fala de pessoas mais velhas.

2.2.2 TEPE ALVEOLAR [r]

O tepe alveolar é um som pronunciado com a ponta da língua tocando rapidamente e uma única vez os alvéolos quase na base dos dentes, com a presença de vibração nas pregas vocais.

Figura 2 - Articulação do som tepe alveolar



Fonte: adaptado de Wee (2015)

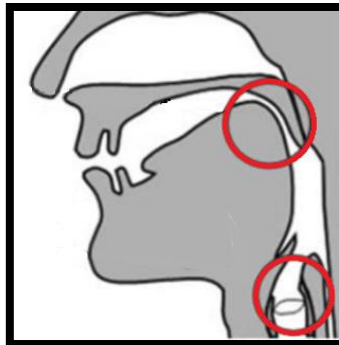
Esse fone se caracteriza como uma pronúncia mais neutra dos róticos no PB, sendo muito característico da fala de apresentadores de telejornais e de outros contextos de maior monitoramento de fala. Pode ocorrer em onset medial, como oposição a um som de R-forte, em pares como to[r]a e to[x]a. Também é encontrada, de forma quase categórica, na segunda posição de onsets complexos como na palavra c[r]iança. Já na coda, esse som é característico dos estados

do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, além de ser encontrada, em grande porcentagem, no estado de São Paulo (OUSHIRO, MENDES, 2013). Ainda, em menor escala, pode ser encontrado em início de palavra (ex: [r]aiz), como pronúncia típica de regiões de colonização alemã.

2.2.3 FRICATIVA VELAR [x]

É caracterizada como uma pronúncia mais posterior de /R/. Sua articulação é realizada com o dorso na língua sendo retraído em direção à parte posterior do céu da boca, com um fluxo de ar que passa através de um estreitamento do trato vocal. Não ocorre a vibração das cordas vocais.

Figura 3 - Articulação do som fricativo velar



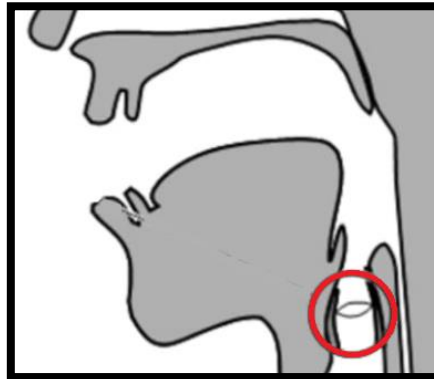
Fonte: adaptado de Wee (2015)

Esse som é encontrado, de forma geral, em posição pré-vocálica, como manifestação do R-forte (ex: [x]oça). Na coda, é pronúncia característica de alguns estados brasileiros, como Rio de Janeiro, Paraíba e Salvador (OLIVEIRA, 1999; SKEETE, 1997, CALLOU, MORAES, LEITE, 1996, CALLOU, SERRA, 2013).

2.2.4 FRICATIVA GLOTTAL [h]

Essa variante rótica caracteriza-se por praticamente não ter ponto de articulação, sendo muito semelhante a um apagamento do som. Sua produção está ligada ao estado da glote.

Figura 4 - Articulação do som fricativo glotal



Fonte: adaptado de Wee (2015)

Esse som é mais comumente encontrado em dialetos que realizam a fricativa velar na posição de coda (Rio de Janeiro e estados da Região Nordeste), sendo a glotal bastante caracterizada como uma alternância a esse som velar, normalmente apresentando-se como um estágio anterior ao apagamento do /R/ nessa posição. Contudo, também é característica do dialeto falado na capital mineira, Belo Horizonte (OLIVEIRA, 1983).

2.2.5 O /R/ RETROFLEXO

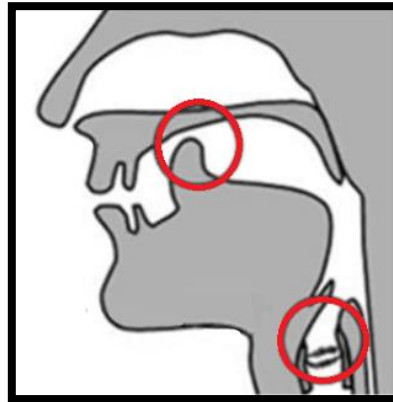
O som retroflexo, que aprofundaremos nessa seção por ser foco desse recorte de pesquisa, é uma das variantes de /R/ presentes nas línguas do mundo. No Brasil, conforme Brandão (2007), o primeiro relato da existência dessa variante pode ser encontrado no livro “O Dialeto Caipira”, que caracteriza o som como

[...] r inter e post-vocálico (carta, arara), possui um valor peculiar: é línguo-palatal e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projetar a ponta da língua contra a arcada superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este r caipira assemelha-se bastante ao inglês post-vocálico. (AMARAL, 1920, p.21)

Do ponto de vista articulatorio, Maia (1985) afirma que o som retroflexo é caracterizado por ser mais posterior do que um som alveolar, já que a ponta da língua não toca os alvéolos, mas

sim flexiona-se para trás, indo ao encontro da parte mais posterior do céu da boca. Podemos encontrar, para a variante retroflexa, dentro do recorte do PB, duas formas de articulação: a aproximante retroflexa [ɻ] ou o tepe retroflexo [ɽ]. Do ponto de vista articulatorio, a aproximante retroflexa se caracteriza pela curvatura da ponta da língua em direção a um ponto posterior aos alvéolos, aproximando-se do céu da boca, mas sem chegar a tocá-lo.

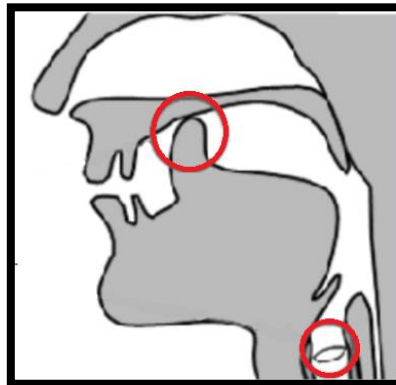
Figura 5 - Articulação do som aproximante retroflexo



Fonte: adaptado de Wee (2015)

Já o tepe retroflexo, embora tenha o movimento de língua semelhante ao som aproximante, com a curvatura do articulador ativo para trás, apresenta o toque da ponta da língua contra o céu da boca, aproximando-se da pronúncia de um tepe alveolar.

Figura 6 - Articulação do som tepe retroflexo

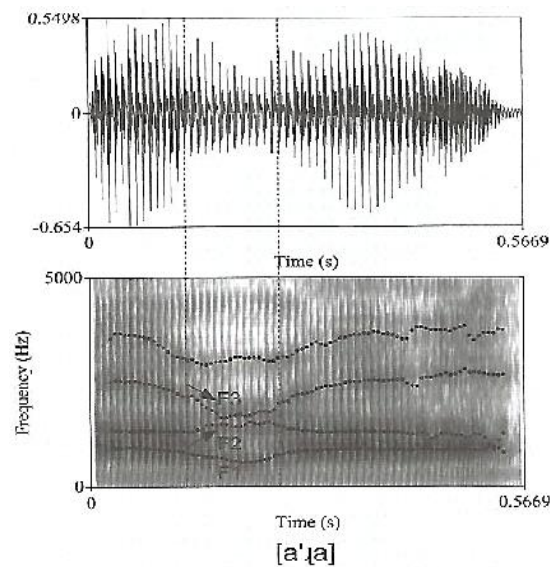


Fonte: adaptado de Wee (2015)

Também, do ponto de vista acústico, podemos encontrar semelhanças e diferenças entre as formas de realizar um som retroflexo no PB. A aproximante é caracterizada pelos seguintes itens abaixo, que podem ser verificados na forma de onda e no espectrograma a seguir:

- a) trajetória contínua de F1, F2 e F3;
- b) trajetória ascendente de F2;
- c) trajetória descendente de F3;
- d) F3 acima de 2.000 Hz.

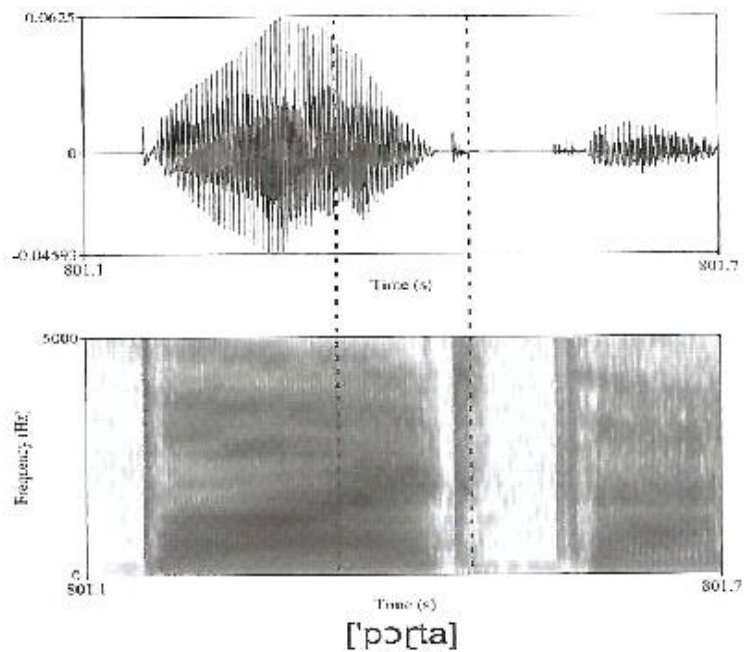
Figura 7 - Forma de onda e espectrograma da aproximante retroflexa na sequência a[ɻ]a



Fonte: Cristófaró Silva et. al (2019)

Como podemos ver na figura acima, a forma de onda do som aproximante se assemelha muito a uma vogal, apresentando alta sonoridade. Já o tepe retroflexo é um som caracterizado por ser um meio termo entre uma aproximante e um tepe, pois, apesar de apresentar, no final de sua pronúncia, uma pequena ausência de energia seguida de uma soltura de ar, característica encontrada na pronúncia de tepe alveolares, apresenta todas as características formânticas e sonoras da aproximante mencionadas anteriormente.

Figura 8 - Forma de onda e espectrograma do tepe retroflexo na sequência po[ɾ]ta



Fonte: Cristófaró Silva et. al (2019)

É importante frisar que, embora presente em outras línguas, o tepe retroflexo foi primeiro documentado acusticamente por Ferraz (2005), em seu estudo sobre a variedade falada em Pato Branco, no Paraná. Ferraz afirma que a produção do tepe retroflexo, por não ser a pronúncia prototípica da comunidade linguística de seu estudo, seria resultado de monitoramento de fala:

A produção de um som [com as características acima] pode ser resultado de um monitoramento durante a leitura, ou seja, o falante tenta escapar da produção do retroflexo, todavia essa preocupação, que foi chamada de acobertamento por Leite (2004), parece não ser suficiente para eliminar a característica da retroflexão, principalmente na leitura das palavras paroxítonas (FERRAZ 2005, p. 53).

Poderíamos discutir, a partir do excerto, se a pronúncia de tepe retroflexo não seria um estágio intermediário entre a pronúncia de um tepe alveolar e de uma aproximante retroflexa, característica de falantes que buscam esconder a pronúncia da completa retroflexão, por conhecimento do estigma que carrega essa variante, ou mesmo caracterizando grupos de falantes que estão passando por um processo de variação da pronúncia de /R/ em coda e que tem o tepe alveolar como sua variante prototípica. Uma discussão mais aprofundada sobre a distribuição

dessas duas variantes, contudo, não parece crucial para os propósitos deste trabalho. Muitos dos estudos que servem de fonte para nosso estudo, inclusive, dispensam tal distinção em suas análises, sem prejuízo metodológico ou descritivo. Ainda assim, registramos a importância de estudos futuros que busquem explicar o que caracteriza e condiciona a pronúncia de um tepe retroflexo ou de uma aproximante retroflexa dentro de uma determinada comunidade linguística ou dentro de uma determinada situação interacional.

Independentemente da forma como é pronunciada, a variante retroflexa é encontrada no PB principalmente em posição de coda, seja interna ou externa, como nas palavras amo[ɹ] ou pa[ɹ]te. Entretanto, estudos sociolinguísticos já apontaram para pronúncias retroflexas em posição de onset inicial (ex.: ca[ɹ]inho), como realização do R-fraco (MONARETTO, 1997) e em posição de onset completo, como na palavra p[ɹ]aticamente (FERRAZ, 2005).

2.2.5.1 STATUS ESTILÍSTICO E DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Assim como acontece com outros sons róticos no PB, o retroflexo também é apontado como uma característica marcante de um dialeto específico – o dialeto caipira –, originário do interior de São Paulo e passível de ser encontrado em outros estados, como aponta Silva Neto (1963 apud BRANDÃO, 2007, p. 266):

Há que falar, agora, de uma área muito carregada de tipicismo: estende-se por três Estados: sul de São Paulo, sul de Mato Grosso, e norte do Paraná, mas devemos reconhecer que está ainda longe de ter sido traçada com rigor. Em todo o caso, o ponto de irradiação parece ter sido São Paulo e o povoamento bandeirante. Essa é a região do país onde se acumulam os sons mais estranhos à língua comum. (SILVA NETO, 1963)

O dialeto caipira foi considerado característico de uma comunidade linguística específica que tinha como principal traço residência na zona rural. Por essa razão, esse dialeto e, conseqüentemente, as formas linguísticas que o caracterizavam, nesse caso específico o /R/ retroflexo, foram associados a um estereótipo de um falante interiorano de baixa escolaridade. Essa associação fez com que a variante fosse uma pronúncia estigmatizada no PB. Estudos que tratam da avaliação de falantes em relação a esse som nos mostram que esse estigma persiste até

os dias de hoje. Leite (2004) avaliou as atitudes linguísticas de oito informantes, de nível universitário, residentes da cidade de São José do Rio Preto (SP), uma comunidade linguística que realiza retroflexão de /R/. O autor afirma que todos os informantes reconhecem o estigma que esse som carrega e que todos também desejam mudar sua maneira de falar, buscando uma fala mais “correta”. Rennieke (2016) também conduziu um estudo avaliativo do som retroflexo, dessa vez tomando como comunidade de estudo a cidade de Belo Horizonte (MG). Nesse estudo, alguns falantes foram expostos a dados de fala que continham o som retroflexo, além de outros róticos. A partir desses estímulos, os falantes deveriam atribuir características aos emissores desses dados. Os resultados apontaram que o retroflexo foi mais associado a um falar solidário. De acordo com o autor, esse resultado reafirma o caráter estigmatizado dessa variante:

Os escores de solidariedade apontam para um resultado comum em estudos de atitude: os sotaques de prestígio tendem a ter uma pontuação alta em avaliações de poder e status, mas os sotaques locais ou regionais vêm à tona em avaliações relacionadas à solidariedade e à afiliação.⁴ (RENNICKE, 2011, p.167, tradução nossa)

Leite (2010), porém, em um estudo sobre o retroflexo em Campinas (SP), afirma que essa variante pode estar passando por um processo de revitalização na língua devido à recente valorização da cultura sertaneja no Sudoeste e Centro-Oeste do Brasil. A noção de caipira, antes associada a pequenos agricultores, de baixa escolaridade, estaria começando a mudar de significado e a ganhar prestígio, uma vez que essas regiões passaram a ser conhecidas pela agricultura e pecuária em grande escala, e sua cultura, principalmente o estilo musical chamado de “sertanejo universitário”, passou a se popularizar pelo território brasileiro.

Contudo, embora essa variante retroflexa ainda seja associada a um falar de uma comunidade específica, os estudos sociolinguísticos apontam para uma outra realidade, sendo possível encontrar a realização desse som, em maior ou menor frequência, em 14 dos 27 estados brasileiros (BRANDÃO, 2007).

⁴ Trecho original: “The solidarity scores tell of a common result in attitude studies: prestige accents tend to score highly in power and status variables, but local or regional accents come to the fore in variables concerned with solidarity and affiliation.”

Figura 9 - Estados que apresentam realização de /R/ retroflexo



Fonte: Brandão (2007)

Brandão (2007) faz uma viagem pelos atlas linguísticos brasileiros, realizando um levantamento dos registros de ocorrência da variante retroflexa, apresentando, ao final, um panorama geral da presença desse som nos diversos falares do PB, apontando para a importância de retomar os estudos, pois identificou que a abrangência dessa variante era maior do que se supunha até ali.

No estado de São Paulo, já apontado como ponto de irradiação do som, Oushiro e Mendes (2013) mostram que a variante retroflexa é produtiva, com aplicação de 32,9% na coda, em alternância com o tepe. Em relação às variáveis linguísticas, a realização do retroflexo é favorecida quando esse é precedido de vogal [-alta], seguido de consoante [coronal], em verbos, em sílabas tônicas e em final de palavra. No que concerne aos fatores sociais, a pronúncia retroflexa é favorecida por falantes residentes de regiões mais periféricas, com menor mobilidade geográfica, menos escolarizados, do sexo masculino e pertencentes a famílias menos enraizadas na cidade. Ainda, verificou-se um movimento de mudança em direção ao retroflexo.

Na Região Nordeste, a variante também é encontrada em alguns estados, embora em baixa porcentagem. Skeete (1997), em estudo sociolinguístico sobre os róticos em coda na cidade de João Pessoa (PB), verificou, em uma amostra de 9.859 dados, 360 ocorrências da pronúncia em questão (4%). Pessoas de faixa etária mais avançada e com pouca escolaridade se configuraram como os grupos que realizam essa variante na coda. Na Bahia, foram encontrados 59 registros de retroflexo em 19 pontos de inquérito, com concentração no centro-leste do Estado. A variante ocorreu, nesses casos, sempre em posição pós-vocálica antes de oclusivas, fricativas e nasais. Em Lavras (MG), a partir de dados provenientes do Atlas Linguístico Brasileiro (ALiB), AGUILERA e SILVA (2017) afirmam que o retroflexo se apresenta em variação com a glotal na coda medial no falar dessa região, com uma produção de 48% da primeira variante contra 52% da segunda. Já na coda final, a tendência é a realização da glotal (50%), seguida da retroflexa (25%) e da queda do /R/ (25%). Em relação aos contextos favorecedores da aplicação de retroflexo, apenas fatores sociais mostraram relevância estatística, com o sexo masculino e a faixa etária mais jovem favorecendo a pronúncia.

No que diz respeito à Região Sul do Brasil, Brescancini e Monaretto (2008) apresentam um panorama acerca dos estudos sobre os sons róticos na região sul do Brasil. De acordo com os resultados, o Paraná é o estado que mais apresenta ocorrências da variante, com 78% de presença em Curitiba (MONARETTO, 1997), caracterizando-a como marca desse grupo linguístico. A situação muda se olharmos para a configuração do retroflexo em Santa Catarina. Florianópolis, capital do Estado, registrou apenas uma ocorrência da variante nas análises a partir de amostras do projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL). Contudo, de acordo com Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), a variante retroflexa parece estar presente em algumas áreas específicas: das 80 localidades estudadas, 30 encontram-se na área do /R/ retroflexo. Essas 30 localidades separam-se em duas subáreas: a primeira, que se desenha, em direção ao sul, a partir da fronteira centro-leste com o Paraná; a segunda, isolada, na área litorânea sudeste. Sobre essa falta de sistematicidade, Furlan (1982) afirma que

A realização retroflexa ocorreu apenas em cinco dos 20 informantes do FC [Falar Central] e em apenas sete casos, o que contrasta vivamente com o do FS [Falar Sulista], onde quatro dos cinco informantes o proferiram como retroflexo em 10 ocorrências, e com o FN [Falar Nortista], onde três dos cinco informantes o realizaram como tal, em 14 ocorrências. Os dados sugerem, pois, a conclusão de que a retroflexão acompanha melhor os que alveolarizam o /r/ do que os que o velarizam, fator que parece estar ligado

ao fator ponto e/ou modo de articulação. Pelo que se verifica, é na região do litoral Norte do Estado (Barra Velha, Araguari, São Francisco do Sul) que se encontra a maior incidência desse fone, em posição final de sílaba, diante de consoante velar. (FURLAN, 1982, p. 94)

O trecho acima aponta para uma possível explicação sobre a forma como é feita a difusão do /R/ retroflexo pelo Brasil, já que essa variante parece preferir dialetos que realizam a pronúncia do tepe alveolar na coda, havendo, em estados que possuem a pronúncia fricativa velar como padrão (ex: Rio de Janeiro, Salvador), pouca ou nenhuma pronúncia de retroflexo.

Sobre o retroflexo no Rio Grande do Sul, e mais especificamente em Porto Alegre, os estudos mostram que a taxa de realização encontrada para essa variante é baixa, confirmando que, nesse dialeto, o retroflexo se configura como uma pronúncia periférica à variante padrão, o tepe alveolar. Monaretto (2002), por exemplo, aponta para apenas 5% de realização do som, normalmente em final de palavra. A autora reafirma o caráter diverso da pronúncia da variante conforme o dialeto, apontando para uma tendência no PB de que os processos de mudança nessa classe de róticos prefiram a substituição de uma variante anterior por uma variante posterior, como já mencionado acima, mas ressalta que o processo de posteriorização poderia estar acontecendo de forma mais lenta no Rio Grande do Sul devido à interferência de populações oriundas da colonização alemã, italiana e à situação de fronteira com países hispanohablantes. O que é interessante notar é que, mesmo em um dialeto com uma grande força de variantes anteriores, foram identificadas ocorrências de fricativas velares (1%) em posição de coda. A pergunta que fica é: há algum motivo para as retroflexas acontecerem em maior número do que as fricativas velares? Isso poderia ser um indicativo de que a retroflexão em coda depende das características das variantes de /R/ predominantes? Esse dado vai ao encontro do que diz Furlan (1982). Nesse estudo, ainda, a autora compara dados de dois momentos diferentes (1980 e 1999), afirmando não ter havido mudança significativa na porcentagem de /R/ retroflexo.

2.2.5.2 A ORIGEM DO /R/ RETROFLEXO

O /R/ retroflexo, como vimos anteriormente, passou por um grande processo de expansão pelo território brasileiro, se tomarmos como ponto inicial o interior de São Paulo. Contudo, embora pareça haver consenso sobre onde o som foi primeiramente encontrado, a questão sobre

como ele surgiu ainda é objeto de estudo de muitos autores. Amaral (1920) e Silva Neto (1963) atribuem a origem do som retroflexo ao contato com as línguas indígenas, tendo se espalhado com as viagens dos bandeirantes, entre os séculos XVI e XVII, em direção aos estados de Minas Gerais, Paraná, entre outros. Contudo, outras origens são propostas para o som. Mendonça (1948) afirma que o som teria surgido através do contato dos brasileiros com línguas africanas, trazidas pelos negros escravizados. Ainda, atribui-se a origem do som à presença, em terras brasileiras, de imigrantes americanos, povo falante de uma língua com muito presença de retroflexo.

Contudo, autores como Head (1987) e Rennie (2011), colocam em cheque as afirmações acima. De acordo com eles, é improvável que o som retroflexo se origine nas línguas indígenas, pois não há nenhuma língua do grupo tupi guarani para a qual se registre contato com comunidade do interior de São Paulo usuária de /R/ retroflexo. Além disso, o contato com línguas africanas também não pode ser usado como argumento por dois motivos: (i) o contato dessas línguas africanas com o estado de São Paulo se deu muito posteriormente ao relato de origem do som retroflexo e (ii) os estados que tiveram esse contato mais cedo, como os estados da Região Nordeste, não apresentam taxas significativas de pronúncia retroflexa se comparados a São Paulo. Ainda, sobre a terceira hipótese para a origem dessa variante, os autores rebatem afirmando que, embora realmente tenha havido uma grande presença de imigrantes americanos no Brasil, esses imigrantes são originários do sul dos Estados Unidos, *“justamente de regiões linguísticas não caracterizadas pela pronúncia retroflexa do “r” da língua inglesa”* (HEAD, 1987, p. 12).

Como contraproposta às teorias mencionadas acima, que tratam de uma origem extralinguística para a pronúncia desse som, autores apontam para uma origem intralinguística do /R/ retroflexo (HEAD, 1987; COHEN 2006). Essas novas propostas baseiam-se, principalmente, na estreita relação entre os sons róticos e os sons laterais. Essas duas classes formam, dentro do PB, a classe dos sons líquidos, que se relacionam pelo seu comportamento fonológico semelhante: são os únicos sons que podem ocorrer como segundo membro de um onset complexo (pela sua alta sonoridade) e estão entre os poucos elementos permitidos em coda. Um exemplo dessa relação entre /R/ e /l/ está no fenômeno do rotacismo, em que há a neutralização entre esses sons em posição de onset complexo ou de coda, com a prevalência do fone rótico: c[l]aro ~ c[r]aro, sa[l]to ~ sa[r]to.

Nessa linha, o som retroflexo teria surgido de um processo em comum sofrido pela classe das líquidas: a posteriorização de /l/. Os fonemas /R/ e /l/ estariam sujeitos a sofrerem processos semelhantes. O [l] sofre um processo de velarização na coda que o transforma [ɭ]. Esse [ɭ] velarizado se assemelha muito em características articulatórias e acústicas com um /R/ retroflexo (HEAD, 1987), o que levaria a crer que o retroflexo é um resultado de uma velarização que sofreu o som /R/ como membro da classe natural das líquidas, em neutralização com o som lateral: “*Seria a participação de /r/, junto com /l/, de algum processo de alternância e evolução com esse resultado [o som retroflexo] dentro da respectiva variedade do português do Brasil.*” (HEAD, 1987). Dessa forma teríamos o seguinte processo de alternância:

$$\left[\begin{array}{l} +consonal \\ +vocálico \\ -nasal \\ +coronal \end{array} \right] \rightarrow [+recuado] / - - - - - \left\{ \begin{array}{l} C \\ \# \end{array} \right\}$$

Contudo, alguns problemas podem ser levantados em relação a essa proposta. O principal deles é que não há uma relação perfeitamente simétrica entre os dialetos que realizam retroflexão de /R/ e os que realizam velarização de [l] (ou mesmo que apresentam casos de rotacismo, que seria mais um forte indicador desse processo). Rennieke (2011), embora afirme reconhecer a relação entre /R/ e /l/ e a influência que o rotacismo tenha exercido na língua, refuta a proposta exposta acima, alegando que este fenômeno não pode ser diretamente relacionado à origem de retroflexo, já que o PB possui muitos dialetos que realizam o rotacismo, mas que não apresentam retroflexão e, por outro lado, apresenta dialetos com retroflexão nos quais não se identifica rotacismo. A partir disso, o autor defende que a neutralização /R/ e /l/ ocorre em um nível fonológico, já que diversos atlas linguísticos mostram que o rotacismo na coda produz todos os tipos de sons de róticos:

Por esse motivo, é mais sensato concluir que a neutralização da oposição da coda /r/:/l/ em PB ocorra em um nível fonológico da língua e o som resultando reflita em padrões de sons róticos regionais no nível fonológico (sejam eles de velarização ou de retroflexão). (RENNICKE, 2011, p. 154-155, tradução nossa)⁵

⁵ Trecho original: “This is why it is more reasonable to expect that the neutralization of the opposition of coda /r/:/l/ in BP occurs on the phonological level of language⁷ and that the resulting sound reflects regional rhotic sound patterns on the phonetic level (be they of velarization or of retroflexion)”

Além disso, o fenômeno do rotacismo tem mais influência do nível de educação do falante do que necessariamente de limites geográficos e dialetais, como é o caso do som retroflexo, que como vimos anteriormente, está presente em muitos estados brasileiros. Rennieke apresenta então uma segunda proposta intralinguística para o surgimento do retroflexo: o som seria o resultado de um processo mais geral de posteriorização dos róticos do PB, sendo, o som retroflexo um dos estágios de fenômeno pela qual estariam passando alguns dialetos. Discutiremos com mais atenção essa proposta na seção seguinte.

2.3 A POSTERIORIZAÇÃO DE /R/

Como mostrado na seção anterior, alguns autores atribuem a origem do /R/ retroflexo a um processo de posteriorização da classe de róticos. De fato, esse fenômeno é encontrado com grande frequência dentro do PB. Como outras línguas do mundo, o PB se caracteriza por apresentar processos de abrandamento de elementos em suas codas, como por exemplo na redução do ditongo nasal átono final (ex: garagem ~ garagi). No que concerne aos sons róticos, foco desse estudo, parece haver uma tendência de abrandamento, que se apresenta na passagem de variantes anteriores para variantes posteriores (MONARETTO, 2002; SERRA, CALLOU E LEITE, 1996; SERRA, CALLOU, 2013, entre outros).

Antes, contudo, cabe aqui fazer uma ressalva quanto a esse processo de posteriorização em posição de coda, que pode chegar até o apagamento. De acordo com Schwindt (2015, 2016), o apagamento do /R/ na coda em verbos (ex: luta/R/ ~ luta[Ø]), que é caracterizando por ser um processo amplamente realizado em todo o território brasileiro, não deve ser visto da mesma forma que o processo em não verbos. De acordo com o autor, haveriam dois processos distintos de apagamento de /R/ em coda: o primeiro, mais restrito, atingiria verbos, teria interação com a morfologia:

O processo I, que consideramos fonológico, diz respeito a um apagamento que atinge uma posição tipicamente fraca, a coda final, apesar de proeminente por ser acentuada (ideia adaptada da proposta de De Lacy, 2001). A evidência de que esse processo interage com a morfologia está no fato de que I só se aplica a verbos, ou seja, depende de informação sobre classe ou sobre constituinte interna da palavra. A razão para isso está, paradoxalmente, na preservação do apagamento de expoentes morfológicos. O processo preponderantemente não atinge não verbos para não apagar conteúdo da raiz

(como em *ma/R/*, em que */R/* faz parte da raiz da palavra, constituindo, inclusive, em português, a forma apagada um par mínimo com *má*, feminino de *mau*). O paradoxo reside no fato de que, nos verbos, ao apagar */R/*, apagamos justamente um monomorfema que indica infinitivo do verbo (ou o futuro do subjuntivo). Nesse caso, contudo, o morfema apagado é sempre compensado pela vogal temática acentuada, como particularidade de tais formas no paradigma verbal (não há outra forma verbal com essa característica que admita apagamento, fazendo desse acento uma qualidade distintiva). (SCHWINDT, CHAVES, 2019, p. 11)

O segundo processo, por outro lado, seria puramente fonético, caracterizado por ser mais geral, sem distinguir classes de palavras:

O processo II é, em nosso entendimento, puramente fonético. Trata-se de um fenômeno de enfraquecimento em posição de coda, o mesmo que responde pela passagem de */R/* a *[h]*, que pode resultar em total apagamento, \emptyset . Este processo não distingue verbos de não verbos e também não distingue crucialmente coda medial de coda final, embora, por conta da maior debilidade da posição final, possa ser mais frequente ali. Esse segundo processo, como se observa nas descrições a que tivemos acesso, também apresenta maior sensibilidade a fatores sociais, o que o diferencia do primeiro, que parece limitar-se, do ponto de vista extralinguístico, sobretudo a registro. (SCHWINDT, CHAVES, 2019, p. 11)

Tomando como base as características apresentadas pelo autor para ao segundo processo, puramente fonético e com forte relação com fatores dialetais, entenderíamos que os sons róticos apresentam, dentro desse fenômeno, dois processos de enfraquecimento/posteriorização (RENNICKE, 2011, 2015, 2016). Em um deles, temos a passagem de uma vibrante alveolar para um tepe, que se posterioriza para uma aproximante, até que se chegue ao apagamento total. Esse processo poderia ser esquematizado como mostrado em (a):

- a) onset: $r \rightarrow r \rightarrow \text{ɹ}$.
 coda: $r \rightarrow r \rightarrow \text{ɹ} \rightarrow \emptyset$.

No segundo processo, a vibrante alveolar sofre um processo de posteriorização para uma fricativa velar, seguida de uma glotal, que também pode chegar ao apagamento total. O processo pode ser esquematizado como mostramos em (b):

- b) onset: $r \rightarrow x \rightarrow h$.
 coda: $r \rightarrow x \rightarrow h \rightarrow \emptyset$.

Podemos encontrar, no PB, diversos estudos sociolinguísticos que investigaram esse movimento de posteriorização em direção ao apagamento de */R/* na coda, em diferentes dialetos e em diferentes etapas.

Callou, Leite e Moraes (1996) analisam os róticos na coda de cinco capitais: Porto Alegre, São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro e Recife. A partir dos resultados encontrados em cada capital, os autores afirmam que os róticos do PB estão passando por um processo de enfraquecimento na coda, formulando o mesmo esquema que apresentamos em (b). Serra e Callou (2013), discutem o apagamento de /R/ em dialetos de três diferentes localidades: Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre, a partir de uma visão prosódica. Para as autoras, o apagamento de /R/ em final de sílaba corresponde ao estágio final de um processo de enfraquecimento que leva à simplificação da estrutura silábica no português do Brasil: $R > h > \emptyset$ e, conseqüentemente, $CVC > CV$, havendo uma escala de apagamento, que estaria de acordo com a variante de /R/ predominante em cada dialeto. Para elas, os três dialetos estão passando por um mesmo processo de posteriorização, porém em estágios diferentes:

Além de observar a distribuição dialetal do fenômeno, interessa-nos aprofundar algumas questões que têm sido levantadas e que, entretanto, carecem de elucidação. Essas questões dizem respeito à possibilidade de cada variante do R representar um passo na escala ordenada de enfraquecimento, que resulta na queda do segmento, ou, ao contrário, corresponder a um único processo, sem etapas intermediárias. Nesse ponto, nossa hipótese é a de que as variedades do Português do Brasil possam apresentar comportamentos diferenciados no mesmo estágio da mudança. (SERRA & CALLOU, 2013, p. 592)

MONARETTO (2000), em seu estudo sobre a vibrante pós-vocálica em Porto Alegre, também aponta para uma tendência de posteriorização dos róticos em coda, mas afirma que o Rio Grande do Sul estaria passando por esse processo de forma mais lenta, principalmente devido à forte presença de colonização alemã e italiana, o que sustentaria uma pronúncia mais anterior de /R/. O processo, de acordo com a autora, acontece de forma abrangente em verbos (81%), mas é muito pouco verificado em não verbos (5%). Já Veloso (2015), no texto *“The English R Coming! The Never Ending Story Of Portuguese Rhotics”*, discute algumas mudanças que ocorreram na classe de róticos, tanto no português europeu (PE) quanto no PB. O objetivo desse artigo é mostrar que mudanças sonoras na classe de róticos não se dão de forma isolada, mas são parte de um processo que estaria alterando toda a configuração dos róticos no PE e no PB, mesmo que essa mudança se instancie de diferentes formas. Para subsidiar essa discussão, o autor traz as grandes mudanças que ocorrem nas duas variedades do português ao longo do tempo, tanto na subclasse de vibrantes múltiplas quanto na subclasse de vibrantes simples. Para ele, o PB estaria em um estágio mais avançado dessa mudança, visto que as vibrantes múltiplas do PB são mais

posteriores que as do PE. Além disso, no que tange às vibrantes simples, estaria emergindo a variante retroflexa no Brasil, que é muito pouco encontrada em Portugal. Ele atribui o crescimento da variante retroflexa no Brasil ao contato com o retroflexo do inglês, fazendo um paralelo com o surgimento do /R/ uvular de Portugal ao contato com o francês.

Como vimos, o processo de posteriorização ocorre de forma abrangente no PB. Essa variabilidade, está condicionada, como afirmam alguns autores, à característica do dialeto em questão. Dessa forma, o aumento da pronúncia do retroflexo poderia também estar sendo condicionado pelo /R/ padrão da comunidade linguística. Contudo, ainda há um grande caminho descritivo a percorrer para que se possam fazer afirmações mais seguras sobre a real origem e o status dessa variante dentro do PB, sendo de extrema importância trabalhos que deem enfoque para essa variante em diferentes comunidades de fala. No que diz respeito ao Rio Grande do Sul, os trabalhos de Monaretto (1997, 2000, 2002, 2008) e Silveira (2010), entre outros, nos mostram que há uma presença muito tímida do som retroflexo dentro da comunidade de fala de Porto Alegre. Entretanto, atualmente, parece estar havendo uma tendência de aumento da pronúncia do /R/ retroflexo, principalmente nas cidades que circundam a capital do Estado – cidades que formam a RMPA. A partir disso, decidimos investigar de modo mais sistemático essa percepção de aumento da pronúncia retroflexa na RMPA, levando em conta que (i) que os sons de /R/ estão em constante mudança, (ii) que eles apresentam forte variação articulatória, permitindo que diferentes formas fonéticas de um fonema rótico possam ocorrer em uma determinada comunidade linguística e (iii) que existe uma tendência de expansão da variante retroflexa, que pode ou não estar ligada à variante padrão do dialeto alvo.

3 ESTUDO DE CASO

Como afirmamos anteriormente, a escolha do objeto deste estudo nasce de uma observação de oitiva informal de um aumento da pronúncia do som retroflexo na RMPA. A literatura revisada, que permitiu constatar a escassez de trabalhos que tomem a variante retroflexa como foco de análise dentro do estado do Rio Grande do Sul, contribuiu para se identificar a necessidade de um aprofundamento na investigação sobre o status atual desse som no dialeto em questão.

Diante disso, e consideradas as limitações deste trabalho, propomos a realização de um estudo de caso que possa trazer indícios iniciais acerca do lugar atual da variante retroflexa dentro da comunidade de fala da RMPA e que possa orientar os próximos passos desta pesquisa em futuro próximo.

3.1 PERGUNTAS NORTEADORAS E HIPÓTESES

Para a realização desse estudo de caso, elaboramos algumas perguntas norteadoras, que buscamos responder, completa ou parcialmente, a partir da análise dos dados coletados:

(i) como se dá a distribuição dos róticos na coda na fala desses usuários?

Buscamos, com essa pergunta, entender melhor o perfil dos usuários de /R/ retroflexo, de modo que, posteriormente, possamos definir com maior precisão os fatores sociais adequados para estratificação de uma amostra com maior volume de informantes da comunidade envolvida.

(ii) em que contextos, na fala desses usuários, ocorre mais a retroflexão de /R/?

Com essa pergunta, interessa-nos investigar se os contextos linguísticos que favorecem a pronúncia retroflexa de /R/ na fala desses usuários são os mesmos contextos relatados na literatura. Não temos pretensão, neste recorte da pesquisa, de analisar o efeito de fatores

extralinguísticos, visto que, como será exposto à frente, na metodologia, nossa amostra contou apenas com dois informantes, não sendo possível olhar para fatores como sexo, idade ou escolaridade a partir do estudo.

Além dessas perguntas centrais, pretendemos responder ao seguinte questionamento:

(iii) existem palavras específicas em que o /R/ retroflexo é mais pronunciado?

Assim, interessa-nos, com a resposta desse questionamento, recolher material que nos permita olhar para a realização do /R/ retroflexo de um ponto de vista mais teórico do que apenas descritivo, o que pode revelar indicações para uma questão futura no que concerne à natureza dessa variação: se condicionada foneticamente ou lexicalmente⁶.

A última questão que se coloca, complementar ao foco do trabalho, diz respeito às características acústicas do /R/ retroflexo:

(iv) do ponto de vista acústico, qual é a variante de /R/ retroflexo produzida por esses falantes? Tepe ou aproximante?

Esse questionamento, proposto em caráter exploratório, busca iniciar a discussão em um campo relativamente pouco investigado nos estudos sociolinguísticos sobre o /R/ retroflexo: o campo acústico. Deseja-se, partindo do que propõe a análise de Ferraz (2005), identificar acusticamente a variante pronunciada por esses usuários, criando subsídio para avançar nas discussões propostas pelo autor.

3.2 COMUNIDADE ESCOLHIDA

A RMPA é formada por 34 municípios do estado do Rio Grande do Sul, sendo a maior da Região Sul do Brasil e a quinta mais populosa do país. Sua formação deu-se em 1973, com a integração inicial de 13 cidades: Alvorada, Cachoeirinha, Campo Bom, Canoas, Esteio, Estância

⁶ Como será explicitado mais à frente, tivemos dificuldade de realizar essa análise devido ao pequeno número de dados em nossa amostra. Dessa forma, os resultados para esse questionamento serão discutidos na sessão 4.3 (Retomando perguntas norteadoras e hipóteses).

Velha, Gravataí, Guaíba, Novo Hamburgo, Porto Alegre, Sapiranga, Sapucaia do Sul, São Leopoldo e Viamão. Posteriormente, em mais duas ocasiões, ocorreu a adição das outras 21 cidades (a última integração deu-se em 2012)⁷.

Define-se “Região Metropolitana” como um conjunto de cidades com grupos socioeconômicos integrados, que buscam a resolução de problemas e a prestação de serviços comuns a todos os municípios. A partir dessa definição, podemos entender a RMPA como uma grande malha urbana em que os limites geográficos entre municípios já não são mais visíveis, havendo a percepção de que estamos diante de uma única cidade. Por esses motivos, a formação base, mencionada anteriormente, é que mais comumente é associada a essa constituição urbana, deixando os municípios de adesão tardia em uma situação mais fronteiriça em relação à RMPA, cultural e geograficamente. Essa região tem como economias principais os setores de serviço e da indústria. Nela encontram-se algumas das maiores empresas do país, como montadoras de veículos, pólos petroquímicos, indústrias de autopeças, de plásticos, e de produtos alimentícios, etc. Por essa característica forte de industrialização e de comércio, não só na capital, mas nas cidades do entorno, muitas pessoas se deslocam diariamente pelos municípios que compõem a RMPA.

Contudo, além de um polo econômico, esse conjunto de municípios também se constitui como um centro sociocultural interessante de ser analisado, visto que as cidades no entorno de Porto Alegre constituem uma unidade sociocultural que não pode ser estendida à capital e a outras cidades mais afastadas. Por cidades como Canoas, Guaíba e Esteio dependerem muito de Porto Alegre e utilizarem os serviços de suas cidades e da capital de forma diferente, acaba-se criando uma espécie de unidade ou mesmo aglomerado sociogeográfico. Dado esse cenário, devemos olhar com mais atenção para esse grupo, que vem se construindo e se consolidando ao longo do tempo, para que possamos entender sua configuração social, econômica e linguística.

⁷ Informações retiradas do site “atlassocioeconomico.rs.gov.br/regiao-metropolitana-de-porto-alegre-rmpa”

3.3 METODOLOGIA

Para a realização desse estudo de caso, foram selecionados dois informantes que atendessem aos critérios previamente estabelecidos: (a) ter nascido em algumas das cidades que compõem a formação base da RMPA, (b) residir na RMPA e (c) falar, de forma recorrente, o /R/ retroflexo em coda. Sobre o item (c), é importante ressaltar que o objetivo do presente trabalho não é fazer uma análise aleatória do falar das pessoas dessa região para identificar a porcentagem de realização da variante retroflexa, mas entender, a partir dos falantes que a realizam de forma sistemática, como é o seu funcionamento e sua distribuição. Esse experimento inicial visa a obtenção de material descritivo que possa redimensionar perguntas norteadoras de pesquisa, objetivando, em etapas futuras, a criação de um *corpus* de dados de fala mais robusto da região estudada.

3.2.1 COLETA DE DADOS

Após selecionados os informantes a partir dos critérios expostos anteriormente, foi gravada, para cada entrevistado, uma conversa que durou em torno de 35 minutos. Esse diálogo tratou de assuntos de cunho pessoal, como família, estudo, trabalho, *hobbies* e relacionamentos – que já haviam sido previamente selecionados pela entrevistadora (Apêndice A). A escolha de assuntos foi feita para que se obtivesse um registro mais natural da fala. Ainda buscando o registro mais natural possível, os informantes foram esclarecidos sobre os objetivos do estudo e informados de que não se tratava de algo visando à correção gramatical ou ao falar bonito ou corretamente (Apêndice B). Apresentamos, a seguir, o perfil dos dois informantes de nossa amostra:

i) informante A

A primeira informante que entrevistamos é uma mulher, com idade entre 20 e 22 anos, natural e residente de Canoas. Cursa o quinto semestre de Licenciatura em Letras Português e Inglês na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mas já cursou um semestre de Psicologia na Universidade Luterana do Brasil.

i) informante B

A segunda informante contatada também é mulher, porém com idade em torno de 45 anos. É natural e residente de Sapucaia do Sul e sua profissão atual é dona de casa. Não possui ensino superior, mas pretende voltar a estudar logo.

3.2.2 CODIFICAÇÃO DA AMOSTRA

Posteriormente à gravação das entrevistas, os áudios foram ouvidos e as palavras que continham alguma sílaba com /R/ em coda, juntamente com seus contextos, foram transcritas. Esses dados foram, então, codificados de acordo com as seguintes variáveis:

(i) variante de /R/ pronunciada na coda

Os dados são codificados de acordo com a pronúncia de /R/ identificada, quais sejam: tepe alveolar (ex: professo[r]), retroflexo (ex: supe[ɻ]visora) e apagamento (ex: trabalha[Ø]).

(ii) classe gramatical

Estudos sobre fenômenos variáveis apontam para a importância de se considerar a análise dos dados com a diferenciação de classe gramatical, principalmente no que diz respeito à oposição verbos *versus* não verbos. Dessa forma, os dados são classificados de acordo com as seguintes classes gramaticais: substantivo (ex: vendedor), adjetivo (ex: escolar), verbo (ex: estudar), advérbio (ex: melhor), pronome (ex: qualquer), preposição (ex: por) e conjunção (ex: apesar).

(iii) posição da sílaba de /R/

Os dados são analisados, também, de acordo com a posição em que a sílaba do /R/ ocupa na palavra: se posição medial (ex: **conversa**) ou final (ex: **tentar**).

(iv) vogal do núcleo

Nesse grupo de fatores, registramos a vogal que aparece no núcleo da sílaba em que o /R/ se encontra, podendo ela ser alta (ex: sub[**i**]r, c[**u**]rso), média alta (ex: laz[**e**]r, d[**o**]r), média baixa (ex: conv[**ɛ**]rsa, pi[**ɔ**]r), ou baixa (ex: volt[**a**]r).

(v) contexto seguinte

Esse grupo de fatores diz respeito ao elemento pronunciado logo após o /R/ da coda. Esse som seguinte que pode ser qualquer fone consonantal (ex: por[**k**]e), vocálico (ex: ser [a]ssim) ou mesmo uma pausa (ex: tinha que trabalhar...).

(vi) tonicidade da sílaba

Essa codificação busca verificar se o /R/ pronunciado faz parte de uma sílaba tônica (ex: **calor**) ou átona (ex: **super**) dentro da palavra.

(vii) item lexical

O item lexical também é considerado como uma variável independente, na medida em que temos o objetivo de olhar para a relação entre a pronúncia retroflexa e a palavra, buscando material que nos auxilie em investigações futuras sobre a natureza dessa variação: se condicionada foneticamente ou lexicalmente.

Após a codificação, os dados foram, então, submetidos ao programa estatístico Goldvarb X⁸. Posteriormente, com o objetivo de responder à pergunta sobre as características acústicas do som pronunciado por esses falantes, selecionamos alguns dados para serem submetidos ao *software* de análise acústica PRAAT (Versão 6.0.30)⁹.

⁸ Utilizamos esse programa estatístico apenas para o cômputo das porcentagens, não fazendo uso da ferramenta de análise de pesos relativos, dada a natureza do nosso estudo.

⁹ Para que fosse possível a realização dessa etapa, procuramos realizar a gravação da entrevista com um equipamento apropriado e em ambiente livre de ruídos externos. Utilizamos, dessa forma, um gravador Sony ICD-BX800.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seção a seguir irá expor e discutir os resultados encontrados em nosso estudo de caso, tanto no que concerne à análise estatística quanto no que diz respeito à análise acústica.

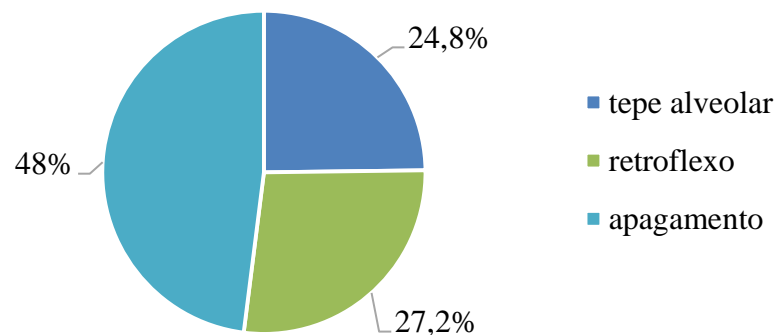
4.1 ANÁLISE ESTATÍSTICA

A primeira amostra conta com um total de 246 *tokens*. Já a segunda soma 348 *tokens* (Totalizando, assim, a recolha de 594 dados). Por se tratar de um estudo de caso, partimos, naturalmente, do princípio de que cada informante constitui um caso separado e, portanto, deve ser analisado como tal. Dessa forma, seguiremos à exposição dos resultados para cada um dos entrevistados, a começar pela primeira amostra coletada, referente ao Informante A¹⁰.

4.1.1. INFORMANTE A

No gráfico abaixo, apresentamos as porcentagens gerais de realização das variantes de /R/ pelo informante A, sem distinguir qualquer contexto.

Figura 10 - Porcentagem de realização das variantes de /R/ pelo informante A



Fonte: elaborada pela autora

¹⁰ Optamos pelas nomenclaturas “Informante A” e “Informante B” para identificarmos os falantes em relação à ordem em que as entrevistas foram gravadas.

De forma geral, o apagamento foi a forma mais pronunciada na coda do Informante A, com 48% de aplicação, seguido do som retroflexo, com 27,2% e, por último, o tepe alveolar, com 24,8% de realização. Não foram registradas realizações da vibrante alveolar. Contudo, como já relatado em estudos anteriores, faz-se necessária a análise separada de verbos e não verbos, visto que a alta porcentagem de apagamento na fala desse Informante pode estar associada ao processo altamente difundido no PB de apagamento do som que exponencia o morfema de infinitivo -r em verbos. Conforme explicam Schwindt (2014) e Schwindt & Chaves (2019), embora o processo fonético de enfraquecimento em coda final seja similar em não verbos e verbos, no caso destes últimos o apagamento resta favorecido, devido ao fato de não comprometer a raiz e de ter a informação morfológica veiculada pelo morfema elidido compensada pelo acento da vogal temática, fenômeno exclusivo das formas de infinitivo e das dele derivadas.

Assim, apresentamos, a seguir, as porcentagens de realizações de /R/ na coda, separando, de um lado, dados de coda final de verbos no infinitivo e do outro, o restante da amostra.

Tabela 1 - Realizações de /R/ do Informante A, separando a coda final de verbos no infinitivo

	Tepe Alveolar		Retroflexo		Apagamento	
	Aplic./ Total	%	Aplic./ Total	%	Aplic./ Total	%
Verbos no infinitivo (ex: fazer, estudar)	2/108	2	0	0	106/108	98
Outros dados (ex: amor, quer)	59/138	42.8	67/138	48.6	12/138	8.7
Total	61/246	24.8	67/246	27.2	118/246	48

Fonte: elaborada pela autora

A tabela acima confirma o que relata a literatura: a coda final de verbos no infinitivo apresenta apagamento categórico de /R/. Na nossa amostra, dos 108 *tokens* de /R/ na coda final de verbos do infinitivo, apenas 2 casos de realização do rótico foram encontrados: nas palavras

“trabalhar” e “ficar”. Dessa forma, conduziremos a análise, a partir desse ponto, desconsiderando esses 108 dados. As porcentagens de realização de /R/ no novo subconjunto, composto por todos os outros dados que não codas finais de verbos no infinitivo, são apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2 - Realizações de /R/ do Informante A, excluindo os dados de coda final de verbos no infinitivo

	tepe alveolar		retroflexo		apagamento	
	aplic./total	%	aplic./total	%	aplic./total	%
palavras lexicais (ex: escolar, aborda)	36/86	41.9	49/86	57.0	1/86	1.2
palavras funcionais (ex: porque, apesar)	23/52	44.2	18/52	34.6	11/52	21.2
total	59/138	42.8	67/138	48.6	12/138	8.7

Fonte: elaborada pela autora.

A tabela acima mostra que a variante retroflexa foi o som mais realizado na coda deste falante, seguido do tepe alveolar e, por último, do apagamento. Ainda, a partir da tabela acima, podemos notar que esse informante realizou muito mais retroflexos em itens lexicais (ex: impo[ɻ]tante, conco[ɻ]dou, açuça[ɻ]) do que em palavras funcionais (ex: po[ɻ]que, pio[ɻ]). Apresentamos, nas tabelas seguintes, a relação entre a pronúncia retroflexa de /R/ e os outros grupos de fatores codificados em nossa amostra, de modo a esclarecer em que contextos se caracteriza a retroflexão na fala desse informante.

Tabela 3 - Realização de /R/ retroflexo em não verbos pelo Informante A *versus* tonicidade da sílaba de /R/

tonicidade da sílaba de /R/	tepe alveolar		retroflexo		apagamento	
	aplic./total	%	aplic./total	%	aplic./total	%
sílaba tônica (ex: amor)	16/46	34.8	30/46	65.2	0/46	0
sílaba átona (ex: curso)	43/92	46.7	37/92	40.2	12/92	13.0
total	59/138	42.8	67/138	48.6	12/138	8.7

Fonte: elaborada pela autora

Como podemos observar na tabela acima, o /R/ retroflexo apresentou maior ocorrência em sílabas tônicas, estando, as sílabas átonas, mais propensas a realizarem um tepe alveolar na coda. Poderíamos explicar esse resultado pela alta sonoridade que essa variante carrega, tendo características acústicas semelhantes às das vogais, o que pode fazer com que haja uma tendência de sua realização em sílabas que compartilham dessa característica de alta energia.

Tabela 4 - Realização de /R/ retroflexo em não verbos pelo Informante A *versus* contexto seguinte

contexto seguinte	tepe alveolar		retroflexo		apagamento	
	aplic./total	%	aplic./total	%	aplic./total	%
vogal (ex: vendedor amigo)	10/10	100	0/10	0	0/10	0
consoante bilabial (ex: melhor pra)	10/17	58.8	6/17	35.3	1/17	5.9
consoante alveolar (ex: verdade)	20/57	35.1	37/57	64.9	0/57	0
consoante velar (ex: qualquer coisa)	16/48	33.3	21/48	43.8	11/48	22.9
pausa (ex: meu olhar...)	3/6	50	3/6	50	0/6	0
total	59/138	42.8	67/138	48.6	12/138	8.7

Fonte: elaborada pela autora

Em relação ao contexto seguinte, de acordo com os resultados anteriores, há uma maior presença de retroflexão de /R/ quando este é seguido de consoante alveolar. Parece-nos aqui, que a preferência por consoantes alveolares tenha relação com o ponto de articulação, visto que o retroflexo é um som pós alveolar.

Tabela 5 - Realização de /R/ retroflexo em não verbos pelo Informante A *versus* vogal do núcleo¹¹

vogal do núcleo	tepe alveolar		retroflexo		apagamento	
	aplic./total	%	aplic./total	%	aplic./total	%
vogal alta (ex: porto, irmão)	45/96	46.9	40/96	41.7	11/96	11.5
vogal baixa (ex: colher, popular)	14/42	33.3	27/42	64.3	1/42	2.4
total	59/138	42.8	67/138	48.6	12/138	8.7

Fonte: elaborada pela autora

Vogais baixas imediatamente anteriores ao /R/ também se mostraram com um contexto em que foi registrada maior presença do retroflexo na coda, com uma aplicação de 64.3%. Fizemos a escolha pela divisão das vogais entre altas *versus* baixas, não optando pela separação anteriores *versus* posteriores, pois a literatura afirma que o favorecimento da aplicação se daria em razão dessa oposição de altura. Nosso resultado parece então corroborar com o que apontam os estudos sobre a variedade de São Paulo, em que vogais baixas favoreceram a retroflexão.

Tabela 6 - Realização de /R/ retroflexo em não verbos pelo Informante A *versus* posição da sílaba de /R/

posição da sílaba de /R/	tepe alveolar		retroflexo		apagamento	
	aplic./total	%	aplic./total	%	aplic./total	%
coda medial (ex: universidade)	41/101	40.6	50/101	49.5	10/101	9.9
coda final (ex: particular)	18/37	48.6	17/37	45.9	2/37	5.4
total	59/138	42.8	67/138	48.6	12/138	8.7

Fonte: elaborada pela autora.

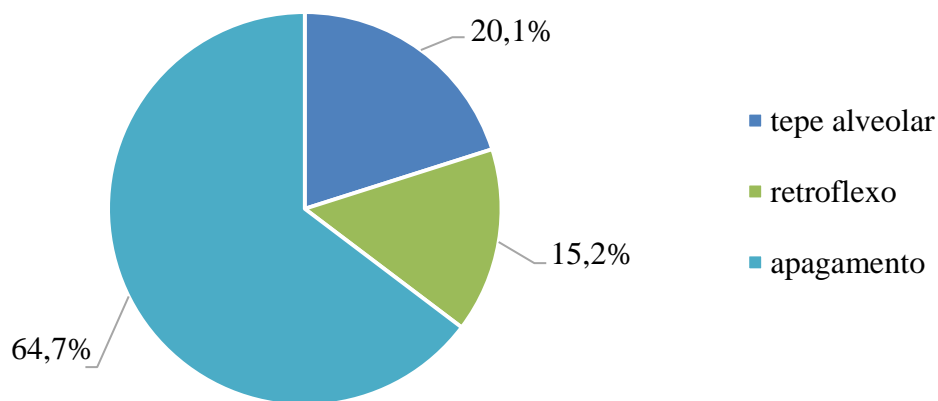
¹¹ A oposição entre vogais altas e baixas foi feita com base nos traços [+alto] e [-alto].

Os resultados acima apontam para a coda medial como contexto em que retroflexo mais ocorreu na fala desse usuário. Contudo, como podemos observar pela quantidade de aplicações de tepe alveolar e de retroflexo, esse contexto se apresenta com menor relevância, já que as porcentagens de aplicação são muito próximas.

4.1.2 INFORMANTE B

No gráfico abaixo, apresentamos as porcentagens gerais de realização das variantes de /R/ pelo informante B.

Figura 11 - Porcentagem de realização das variantes de /R/ pelo informante B



Fonte: elaborada pela autora

Pelo que nos mostra o gráfico trazido na Figura 11, o apagamento é a variante mais identificada na coda do Informante B, com 64,7% de aplicação, seguido do tepe alveolar, com 20,1% e, por último, o tepe retroflexo, com 15,2%. Também não foram registradas realizações da vibrante alveolar. Da mesma forma como fizemos com o Informante A, realizamos a separação das codas finais de verbos no infinitivo do restante dos dados.

Tabela 7 - Realizações de /R/ do Informante B, separando a coda final de verbos no infinitivo

	tepe alveolar		retroflexo		apagamento	
	aplic./ total	%	aplic./ total	%	aplic./ total	%
verbos no infinitivo (ex: superar, trazer)	0/169	0	1/169	1	168/169	99
outros dados (ex: por, forma)	70/179	39.1	52/179	29.1	57/179	31.8
total	70/348	20.1	53/348	15.2	225/348	64.7

Fonte: elaborada pela autora

Como esperado, a coda final dos verbos no infinito apresentou alta porcentagem de apagamento (99%), havendo apenas um caso em que se identificou a pronúncia de um som retroflexo: passa[ɻ]. Olhemos agora para o subconjunto formado depois de desconsiderarmos da análise as codas finais de verbos:

Tabela 8 - Realizações de /R/ do Informante A, excluindo os dados de coda final de verbos no infinitivo

	tepe alveolar		retroflexo		apagamento	
	aplic./ total	%	aplic./ total	%	aplic./ total	%
palavras lexicais (ex: perdoo, mercado)	37/102	36.3	41/102	40.2	24/102	23.5
palavras funcionais (ex: porque, por)	33/77	42.9	11/77	14.3	33/77	42.9
total	70/179	39.1	52/179	29.1	57/179	31.8

Fonte: elaborada pela autora

A tabela acima apresenta duas informações interessantes: a primeira diz respeito à aplicação de retroflexo. Assim como no caso anterior, a presença do retroflexo foi um pouco mais

expressiva em palavras lexicais do que em palavras funcionais. Contudo, diferentemente do primeiro informante, de forma geral o retroflexo não é a variante mais pronunciada na coda do Informante B. Na fala desse sujeito, o tepe é a variante que aparece mais, com 39.1% de realização, seguida do apagamento, com 31.8% e, finalmente, do retroflexo, com 29.1%. Chamamos atenção também para esse resultado pois a porcentagem geral de apagamento no falar desse Informante é de 31.8%, mostrando uma tendência contrária à porcentagem de apagamento de /R/ em não verbos no Rio Grande do Sul, que de acordo com Monaretto (2002), é de apenas 5%. Apresentamos, nas tabelas abaixo, a relação entre a pronúncia retroflexa de /R/ e os outros grupos de fatores codificados em nossa amostra, de modo a esclarecer em que contextos se caracteriza a retroflexão na fala do informante B.

Tabela 9 - Realização de /R/ retroflexo em não verbos pelo Informante B *versus* tonicidade da sílaba

tonicidade da sílaba de /R/	tepe alveolar		retroflexo		apagamento	
	aplic./total	%	aplic./total	%	aplic./total	%
sílaba tônica (ex: valor)	23/71	32.4	29/71	40.8	19/71	26.8
sílaba átona (ex: super)	47/108	43.5	23/108	21.3	28/108	35.2
total	70/179	39.1	52/179	29.1	57/179	31.8

Fonte: elaborada pela autora.

Como podemos observar na tabela acima, o informante B pronunciou mais vezes o /R/ retroflexo quando este se encontrava em sílaba tônica, assemelhando-se muito ao resultado encontrado para o caso anterior (Tabela 3).

Tabela 10 - Realização de /R/ retroflexo em não verbos pelo Informante B *versus* contexto seguinte

contexto seguinte	tepe alveolar		retroflexo		apagamento	
	aplic./ total	%	aplic./ total	%	aplic./ total	%
vogal (ex: por ela)	18/23	78.3	2/23	8.7	3/23	13
consoante bilabial (ex: super bem)	16/33	48.5	11/33	33.3	6/33	18.2
consoante alveolar (ex: apartamento)	12/42	28.6	26/42	61.9	4/42	9.5
consoante velar (ex: mercado)	23/68	33.8	8/68	11.8	37/68	54.4
pausa (ex: eu quis(er...))	1/13	7.7	5/13	38.5	7/13	53.8
total	70/179	39.1	52/179	29.1	57/179	31.8

Fonte: elaborada pela autora

Em relação ao contexto seguinte ao /R/ na coda, a tabela acima mostra que o retroflexo foi mais realizado antes de consoantes alveolares. Ainda, encontramos a presença de retroflexão antes de vogais, situação que não foi encontrada na fala do Informante anterior.

Tabela 11 - Realização de /R/ retroflexo em não verbos pelo Informante B *versus* vogal do núcleo.

vogal do núcleo	tepe alveolar		retroflexo		apagamento	
	aplic./ total	%	aplic./ total	%	aplic./ total	%
vogal alta (ex: perdi , retornei)	58/120	48.3	24/120	20.0	38/120	31.7
vogal baixa (ex: qualquer, parte)	12/59	20.3	28/59	47.5	19/59	32.2
total	70/179	39.1	52/179	29.1	57/179	31.8

Fonte: elaborada pela autora.

A vogal baixa, pelo que mostram os resultados da tabela 11, foi o contexto que apresentou mais realizações de /R/ retroflexo, tanto no que diz respeito ao outro contexto (vogal alta) quanto na comparação com as outras variantes (tepe alveolar e apagamento).

Tabela 12 - Realização de /R/ retroflexo em não verbos pelo Informante B *versus* posição da sílaba de /R/

posição da sílaba de /R/	tepe alveolar		retroflexo		apagamento	
	aplic./total	%	aplic./total	%	aplic./total	%
coda medial (ex: certo)	38/106	35.8	37/106	34.9	31/106	29.2
coda final (ex: qualquer)	32/73	43.8	15/73	20.5	26/73	35.6
total	70/179	39.1	52/179	29.1	57/179	31.8

Fonte: elaborada pela autora.

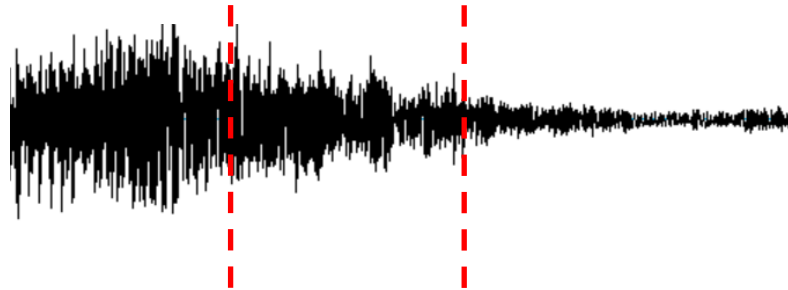
Aqui, a exemplo do caso passado, a coda medial parece estar à frente nos casos de retroflexão. Apesar disso, não podemos afirmar que o contexto de coda medial propiciou maiores realização de retroflexo, pois as outras variantes apresentaram taxas de aplicação muito próximas nesse mesmo contexto, sendo o tepe alveolar a forma preferida para a realização do /R/ nessa situação.

4.2 ANÁLISE ACÚSTICA

Nessa seção, de caráter mais exploratório, selecionamos alguns dados retirados do estudo de caso e submetemos esses arquivos de áudio ao programa acústico PRAAT. Buscamos, nessa análise, verificar as características acústicas dos dados e compará-las às características apresentadas na seção 2.2.5 (O /R/ Retroflexo) de modo a identificar a variante de /R/ que está sendo pronunciada pelos informantes de nossa amostra – se tepe retroflexo ou aproximante

retroflexa. O que a análise preliminar dos áudios pôde nos mostrar foi que, nas palavras submetidas ao programa – UFRGS e familiar – ambos os informantes realizam a aproximante retroflexa, pois na análise da forma de onda acústica, não identificamos nenhuma ausência de energia seguida de uma soltura de ar, como é característico dos sons de tepe. Parece-nos, então, correto afirmar que o som produzido por esses informantes tenha sido uma aproximante. Contudo, afirmações mais seguras a esse respeito ficam prejudicadas pela qualidade final das gravações, que parecem relativamente comprometidas, devido principalmente a fatores externos, como ruídos do ambiente e, também, pela baixa qualidade de captura do som. De todo modo, como relato do exercício realizado neste trabalho, trazemos, a seguir, para fins de ilustração, a forma de onda do /R/ da palavra “familiar”, de nossa amostra (Figura 12), em comparação com a forma de onda da sequência “redor” retirada de Ferraz (2005), com o /R/ sendo pronunciado como uma aproximante. Entre as linhas vermelhas pontilhadas, encontra-se a pronúncia do som retroflexo. Embora com qualidades diferentes, podemos notar que em nenhuma das duas figuras há um aumento brusco na forma, como se esperaria de um tepe¹².

Figura 12 - Forma de onda do /R/ presente na palavra "familiar"



Fonte: acervo da autora.

Figura 13 - Forma de onda da aproximante retroflexa na sequência "redor"



Fonte: Ferraz (2005)

¹² Optamos, nesse caso, por não apresentar o espectrograma do dado, devido à baixa qualidade de áudio, que comprometeu a melhor visualização de informação.

4.3. RETOMANDO PERGUNTAS NORTEADORAS E HIPÓTESES

A partir dos resultados encontrados nas sessões anteriores, retomamos agora as perguntas propostas no início de nosso estudo:

(i) como se dá a distribuição dos róticos na coda na fala desses usuários?

De forma geral, o fonema /R/ apresenta três formas de realização na coda nos dados dos informantes analisados: tepe alveolar, retroflexo e apagamento, não sendo verificada a presença de vibrante alveolar, o que corrobora os resultados da literatura, que apontam para o desaparecimento dessa variante no Rio Grande do Sul. Na coda final de verbos, como já era esperado, encontramos uma maior preferência pelo apagamento.

Nos outros contextos, as três variantes parecem estar em concorrência, com uma leve vantagem para o retroflexo e o tepe. Ainda, podemos atentar para uma diferença na taxa de retroflexão no que diz respeito ao comportamento dos dois informantes. Enquanto o Informante A apresenta 48,9% de presença de retroflexos (Tabela 1) o Informante B apresenta apenas 29,1%. (Tabela 7). Esperaríamos que, nesse caso, o informante B apresentasse, proporcionalmente, mais realizações de tepe na coda do que o primeiro, e um número semelhante de apagamentos. Contudo, para nossa surpresa, a porcentagem de realização de tepe é semelhante nos dois casos, sendo o apagamento a variante que se sobressai no Informante B. Abre-se aqui uma discussão para que tentemos explicar os motivos que levam a uma discrepância de resultados entre os dois informantes e a uma preferência do segundo Informante pelo apagamento. Uma informação extra que cabe apresentar aqui sobre a Informante B é o fato de que, durante a gravação da entrevista, notamos que o sujeito apresentou alguns casos de rotacismo, substituindo o [l] por [r] em onsets completos: Exemp[l]o ~Exemp[r]o. Embora não estabeleça relação direta com a discussão proposta pelos resultados acima, como foi mostrado na revisão de literatura, é possível que a relação entre [R] e [l] possa influenciar na realização de retroflexo.

(ii) em que contextos, na fala desses usuários, ocorre mais a retroflexão de /R/?

Como esperado, os informantes de nossa amostra não realizam o /R/ retroflexo em todos os contextos. No subconjunto dos verbos no infinitivo, temos limitações em falar sobre fatores que podem favorecer essa pronúncia, visto que apenas 1 item, na fala do Informante B, apresentou retroflexão. Em se tratando de não verbos, é interessante notar que, apesar de os dois Informantes apresentarem porcentagens diferentes de realização da variante retroflexa, os contextos em que a presença da aproximante retroflexa foi mais expressiva foram os mesmos: a coda medial, a sílaba tônica, a vogal baixa em contexto precedente e o /R/ sendo sucedido por consoantes alveolares. Esses resultados parecem estar de acordo com estudos anteriores sobre o assunto, apresentados na seção 2.2.5.1 (Status Estilístico e Distribuição Geográfica), indicando uma possível sistematicidade da variação de /R/ retroflexo na coda no PB.

(iii) existem palavras específicas em que o /R/ retroflexo é mais pronunciado?

Uma análise que explorasse de forma mais aprofundada o item lexical ficou prejudicada, visto que, dos 89 *types* que identificamos em nossa amostra, apenas 13 deles possuíam mais de 2 *tokens*. Contudo, apontamos para duas situações interessantes: encontramos, em nossa amostra, palavras com mais de 2 *tokens* que apresentavam 100% de retroflexão: parte, perto e UFRGS; além disso, dos 11 *tokens* pertencentes ao paradigma *convers-* (conversar, conversa, converso e conversava), 10 tiveram sua coda medial pronunciada com a variante retroflexa. Dessa forma, reafirmamos a necessidade de investigação da questão proposta em relação à natureza dessa variação: a retroflexão de /R/ poderia, nesses casos, estar sendo condicionada pelos itens lexicais específicos (ou mesmos paradigmas específicos), ou seria motivada por características fonéticas, como o ponto alveolar em contexto seguinte à coda, por exemplo?

(iv) do ponto de vista acústico, qual é a variante de /R/ retroflexo produzida por esses falantes? Tepe ou aproximante?

A partir dos dados analisados, dentro das limitações metodológicas deste estudo, podemos afirmar que os nossos informantes realizam uma aproximante retroflexa na coda. Contudo, registamos a necessidade de um estudo mais robusto sobre o assunto, que possa investigar se essa pronúncia é sistemática ou não. Sugerimos, para essa situação, a realização de um experimento condicionado com produção e repetição de palavras que contenham /R/ em coda. Partimos da ideia de Ferraz (2005), que afirmou que o tepe retroflexo poderia estar condicionado a contextos mais monitorados de fala, como a repetição. Dessa forma, um estudo que permita essa prática pode oferecer melhor material para discussões sobre o assunto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho buscamos discutir a variante retroflexa, com foco no falar da Região Metropolitana de Porto Alegre, trazendo um panorama dos estudos que caracterizaram esse som, além de levantar questões sobre a origem do mesmo e a natureza dessa variação. Visto a escassez de trabalhos que tomassem como foco de estudo a variante retroflexa dentro do dialeto em questão, propusemos a realização de um estudo de caso que pudesse oferecer material descritivo para subsidiar estudos futuros.

Os resultados obtidos nesse trabalho nos mostram que, embora presente de forma significativa na fala desses indivíduos, o /R/ retroflexo não pode ser considerada a variante padrão desses falantes, colocando-a como uma variação da pronúncia de tepe alveolar. Em ambos os informantes, os contextos que parecem condicionar a realização do /R/ retroflexo são os mesmos: sílabas em posição medial da palavra, sílabas em que o /R/ é tônico, vogal baixa como contexto precedente e consoante alveolar como elemento seguinte ao /R/. No que diz respeito à relação entre item lexical e pronúncia de retroflexo, um estudo mais robusto, com mais informantes, faz-se necessário para que possamos fazer afirmações mais seguras.

Embora tenhamos a consciência de que esse estudo está em sua forma mais simples e não colabora de forma descritiva para o entendimento da comunidade da RMPA e para a colocação do /R/ retroflexo dentro dessa comunidade, ainda assim atentamos para a importância de sua realização. Com essa pesquisa foi possível ter um primeiro panorama da configuração desse som rótico na comunidade estudada, com as descrições iniciais sobre alguns falantes ideias dessa variante, nos auxiliando assim, no redimensionamento de perguntas de pesquisa.

Como perspectivas futuras, temos como pretensão aprofundar o estudo do /R/ retroflexo na RMPA, com a criação de um banco de dados de fala específico de tal região, que possa nos propiciar um estudo sociolinguístico variacionista nos moldes Labovianos para entendermos qual o encaixamento desse som dentro da comunidade linguística. Também, para a realização dessa próxima etapa, o estudo de caso mostrou-se útil, visto que com a sua realização foi possível perceber lacunas na metodologia adotada, como o cuidado que é preciso para se obterem boas gravações que possam ser submetidas a *softwares* de análise acústica. A partir da identificação

dessas limitações, buscaremos fazer aprimoramentos na metodologia, no roteiro de perguntas, na forma de condução das entrevistas e na codificação e análise dos dados.

Acrescento, finalmente, como perspectiva pessoal de trabalho, o aprofundamento dos estudos teóricos sobre os róticos como classe e dos estudos variacionistas sobre o /R/ no Brasil, visto que uma das limitações do presente trabalho está em não ser uma revisão exaustiva do tema. Considero isso não como um problema, mas como uma motivação para as próximas etapas, visto que os sons róticos se configuram como um assunto muito extenso, estudado por diversos autores e de diversos pontos de vista, e ainda com muitas questões a serem respondidas.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, A. **O Dialeto Caipira**. 2a. edição, São Paulo: Editora Anhembi Ltda, 1955.

AGUILERA, V.; SILVA, H. **Dois momentos do /r/ retroflexo em Lavras - MG:** no Atlas Linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do Atlas Linguístico do Brasil. Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários, [S.l.], v. 8, fev. 2017.

BRANDÃO, S. F.. **Nas trilhas do -R retroflexo**. Signum [Londrina]: Estudos De Linguagem, v. 10, p. 265, 2007

BRESCANCINI, C.; MONARETTO, V. **Os róticos no sul do Brasil:** panorama e generalizações. Signum: estudos linguísticos, Londrina, n.11/2, p.51-66, 2008.

BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, v. 1. 286p .

BONET, E.; MASCARÓ, J. **On the representation of contrasting rhotics**. In: MARTÍNEZ-GIL, F.; MORALES-FRONT, A. (Eds.) Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1997. p. 103–126.

CALLOU, D. **Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: PROED, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987

CALLOU; LEITE, Y; MORAES, J. **Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil**. In: ABAURRE, B.; RODRIGUES, A. (org) Gramática do Português falado: Novos estudos descritivos. v. VIII. Campinas, UNICAMP, 2002. p. 537-556.

CALLOU, D, MORAIS, J. & LEITE, Y. **Variação e diferenciação dialetal:** a pronúncia do /r/ no português do Brasil. IN: KOCH, I. V.(org.) Gramática do Português falado. Vol VI: Desenvolvimentos. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

CHOMSKY, N. & M. HALLE. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper & Row, 1968.

COHEN, M. **O “R” retroflexo no português brasileiro:** descrição e percurso histórico. In: RAMOS, Jânia M. (Org) Estudos sociolingüísticos: os quatro vértices do GT da ANPOLL. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. 1 CD-ROM.

CRISTÓFARO-SILVA ET AL. **Fonética Acústica:** os sons do Português Brasileiro. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2019

FERRAZ, I. **Características fonético-acústicas do /r/ retroflexo do Português Brasileiro:** dados de informantes de Pato Branco (PR). 2005. 123f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

FURLAN, O. A. **Subsistência luso-açoriana na linguagem catarinense.** 1982. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

HEAD, B. **Propriedades fonéticas e generalidades de processos fonológicos:** o caso do “R Caipira”. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 13, p. 5-39, 1987.

HYMAN, L. **Phonology.** New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1975

HORA, D. & MONARETTO, V. **Enfraquecimento e apagamento dos róticos.** IN: HORA, D. & COLLISHONN, G, (orgs.). *Teoria lingüística. Fonologia e outros temas.* João Pessoa: Imprensa Universitária, 2003.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, Ian. **The sounds of the world’s languages.** Oxford & Malden, MA: Blackwell, 1996.

LEITE, C. M. B. 2004. **Atitudes lingüísticas:** a variante retroflexa em foco. M.A. Thesis, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.

LINDAU, M. **The story of /r/**, in Victoria Fromkin (org), V. *Phonetic Linguistics: Essays in Honor of Peter Ladefoged* (edited by Victoria Fromkin). New York: Academic Press, 1985, pag.157-168.

MADDIESON, I. **Patterns of sounds.** Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

MAIA, E.M. **No reino da fala: a linguagem e seus sons.** São Paulo: Ática, 1985.

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. **Production and Perception of Retroflex –r in São Paulo Portuguese.** Trabalho apresentado no VaLP2011 - Chester, Inglaterra, 2011.

MONARETTO, V. N. de O. **A vibrante:** representação e análise sociolingüística. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

_____. **Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica.** 1997.

Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. **O apagamento da vibrante posvocálica nas capitais do sul do Brasil.** *Letras de Hoje*, v.35, n.1, p.275-284, 2000.

_____. **A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre.** In: Leda Bisol; Cláudia Brescancini. (Org.). *Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro*. 1ed. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 2002, v. , p. 253-268.

OLIVEIRA, J. M. **O apagamento do /R/ implosivo na norma culta de Salvador.** 1999. 80f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1999.

OLIVEIRA, M. A. **Phonological variation and change in Brazilian Portuguese: the case of the liquids.** 1983. 286f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Pennsylvania. Philadelphia, 1983.

OUSHIRO, L.; MENDES, R. B. **A pronúncia do (-r) em coda silábica no português paulistano.** *Revista do GEL*, vol. 8, n. 2, p. 66-95, 2013.

PIMENTEL, R. M. **A variação lingüística do fonema /r/ na posição pósvocálica.** 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RENNICKE, I. **The retroflex r of Brazilian Portuguese: theories of origin and a case study of language attitudes in Minas Gerais.** *Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, v. 6, n. 1, p. 149–170, 2011.

_____. **Variation and Change in the Rhotics of Brazilian Portuguese.** Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais e Departamento de Línguas Modernas, Universidade de Helsinque, 2015.

_____. **Representação Fonológica dos Róticos do Português Brasileiro: Uma Abordagem à Base de Exemplares.** *SCRIPTA*, Belo Horizonte, 2016, v. 20, n. 38, 70-97.

SILVA NETO, S. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.** 1963. 2ª ed., Rio de Janeiro.

SILVEIRA, Giselle da. **O apagamento da vibrante na fala do sul do Brasil sob a ótica da palavra.** 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre.

SKEETE, N. A. **O uso variável de vibrante na cidade de João Pessoa.** *Graphos*, vol. 2, n. 1, p. 77-96, 1997.

SCHWINDT, L. C. **O acesso à morfologia por processos fonológicos variáveis e a arquitetura da gramática.** *Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP)*, v. 56, p. 23-43, 2014

_____. **Um output, dois processos.** Revista da ABRALIN, ,2015, v. 14, p. 553-570, 2015.

_____. **Sobre a preservação de expoentes morfológicos na fonologia variável do português brasileiro.** Domínios de Lingu@Gem, 2016, v. 10, p. 449-465.

SCHWINDT, L. C.; CHAVES, R. G. **Convergência de processos no apagamento de /R/ em português e espanhol.** *Revista Linguística*, 2019, v. 35-1, Montevideo: ALFAL, p. 129-147.

SERRA, C; CALLOU, D. **A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades.** Textos Seleccionados do XXVIII Encontro Nacional da APL – Universidade do Faro (Algarve-Portugal), 2013.

VELOSO, J. **The english r coming! The never ending story of portuguese rhotics.** In: Simões, Barreiro, Santos, Sousa-Silva & Tagnin (eds.) *Linguística, Informática e Tradução: Mundos que se Cruzam*, Oslo Studies in Language 7(1), 2015, p. 323–336.

WALSH DICKEY, L. **The phonology of liquids.** 1997. Ph.D. dissertation, University of Massachusetts, Amherst.

WEE, Lian-Hee. **Interactive Phonetics.** Aplicativo mobile. 2015.

WIESE, R. **The phonology of /r/.** *Distinctive Feature Theory 2*, T. Alan Hall (ed). Mouton de Gruyter: Berlin. 2001, pag. 335-368

APÊNDICE A – ROTEIRO ELABORADO PARA A CONDUÇÃO DAS ENTREVISTAS

1) BAIRRO, CIDADE E INFÂNCIA

- a) Como é o bairro em que tu mora?
- b) Mudaria alguma coisa?
- c) Tu mora lá desde pequena? Como era a infância lá?
- d) Tu vê alguma diferença daquela época pra agora?
- e) Qual a melhor lembrança que tu tem da tua infância?
- f) O que tu acha dessa cidade? Tem vontade de se mudar?

2) ESCOLA

- a) Como era tua época de escola? (Matérias, atividades, professores, etc...)? Tu gostava?
- b) Do que tu mais sente falta daquela época?
- c) Tu estuda? Se sim, como é o ambiente, os colegas, as aulas? Se não, tem vontade de voltar a estudar?

3) ROTINA E HOBBIES

- a) Como costuma ser tua programação diária?
- b) E no teu tempo livre, o que mais tu gosta de fazer?
- c) No final de semana, o que tu faz?
- d) Tu gosta de viajar? Me conta uma experiência boa que tu teve.

4) OPINIÃO

- e) O que tu tem achado da situação atual do país, as pessoas?
- f) Era muito diferente de alguns anos atrás?
- g) Tu sente falta de alguma coisa dos anos 90?

5) EXPERIÊNCIAS

- h) Tu já passou por alguma situação de perigo? Como foi?
- i) Me conta um momento super marcante da tua vida e porque ele é marcante pra ti.

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ASSINADO
PELOS INFORMANTES DESSE ESTUDOS DE CASO**

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado *Características do Falar de cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre*, sob a responsabilidade do pesquisador e orientador Dr. Luiz Carlos da Silva Schwindt e condução da aluna Júlia Ricardo, graduanda do curso de Licenciatura em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Para participar, você precisa ter nascido em uma das cidades pertencentes à Região Metropolitana de Porto Alegre e ser residente de uma dessas cidades.

O objetivo deste trabalho é investigar características na fala de pessoas que residem em cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre. Para a realização desse estudo, será necessário que o(a) Sr.(a) se disponibilize a responder algumas perguntas sobre aspectos do seu dia-a-dia. Durante o procedimento de resposta, a sua voz será gravada por um gravador de voz e um telefone celular. É importante salientar que essa atividade não se trata de um teste de conhecimento ou de uma avaliação correta ou errada da maneira de falar.

Em virtude das informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, garantimos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, do qual o(a) Sr.(a) receberá uma cópia. Além disso, o(a) Sr.(a) terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo. Caso você queira conhecer os resultados desta pesquisa, estes ficarão à disposição com os responsáveis e, posteriormente, serão publicados como parte integrante do trabalho de conclusão de curso. Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, favor contatar o pesquisador responsável (schwindt@ufrgs.br) ou a pesquisadora assistente (julia_ricardo@yahoo.com.br) por e-mail ou no endereço Avenida Bento Gonçalves, 9500 – Agronomia – Porto Alegre/RS – Instituto de Letras, sala 212. Desde já agradecemos!

Eu, _____, declaro que após ter sido esclarecido(a) pelo(a) pesquisador(a), lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa intitulada *Características do Falar de cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre*.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2019.

Participante Voluntário

Júlia Ricardo
Pesquisadora Assistente